A autoeducação e o século 21

Luis Carlos de Morais Junior

A autoeducação e o século 21

Dedico este livro à Lia, meu amor

Não, mas espera aí, o lance do cerveaux, não era aquilo sobre a memória que estávamos querendo estabelecer, a memória entrou de contrabando, como aliás ela costuma fazer, sorrateiramente, vocês sabem, o *n* histérico é alguém que sofre de reminiscências, umazinha aqui, umazinha acolá, e por aí vai, e tudo, pois é, não. O que estávamos querendo estabelecer. Era que o cérebro é fantasticamente transformável e as trilhas repondo-se por elas mesmas instaurariam novidades constantemente, sem fixações, se não fossem as tradições, e a questão é como é que as tradições se tornaram tão obcecantes, como elas vieram a ser é outro caso, como é que se tornaram obcecantes é o que é agora a questão, a ponto de que os seres humanos tornaram-se ScravocraCia seguidores de regras, eles precisam justificar a existência deles, percebe, você, como é que eles se conformam com uma splicação do tipo que eles existem, vieram a existir, *porque* são seguidores de regras, é que ninguém entende, como é que eles podem ser tão idiotas, pois é, com aquele ar de que isso é a inteligência, referenciada nos manuais de inteligência, pois é. Não.

(Eliane Colchete)[1]

ÍNDICE

IN/TRODUCTIO

A grande força do ser humano é o pensamento.

Pensamento é igual a criação.

Não existem sinônimos, todas as palavras que são assim propostas na verdade têm sempre algum sentido diferente.

Por exemplo: em português, "estudante" seria sinônimo de "aluno".

Mas "aluno" quer dizer "criança de peito", "lactante" ou "filho adotivo", palavra originada do latim *alumnus, alumni,* substantivo derivado do verbo *alere,* que significa "nutrir, fazer crescer".

Poeticamente, outros viram (numa tradução "a la Ezra Pound"), que seria "sem luz", como se o "a" fosse negação em latim, como é em grego.

Mesmo no caso dessa "barrigada" etimológica, ou na acepção genuína, pode-se notar um caráter de inferioridade, de passividade implícita na palavra "aluno" (alguém que está sendo alimentado, como um bebê).

Já "estudante" significa "aquele que age e está em processo de aprender".

Isso importa, e, nos dos casos, muito.

Não são as mesmas coisas.

Considero, porém, que há um único sinônimo perfeito no mundo.

Pensar = criar.

E com o correlato do antônimo total, possível: pensar ≠ obedecer.

E ainda mais: o único sinônimo real do mundo compõe-se de três palavras:

Aprender = pensar = criar.

Sempre assim.

Clones semióticos

Vamos trabalhar com dois exemplos, um da tv, outro do cinema, mas os clones estão em toda parte, nesse verdadeiro labirinto-shopping que a Sociedade Fascista Atual se tornou.

Um caso é um show de realidade chamado "the voice"... já existe um programa norte-americano com esse nome (é outra franquia holandesa, como o horripilante "Big brother", que é o nome do líder-símbolo do romance de George Orwell).

The voice – o que é tão deprimente nesse negócio?

Antes de uma espécie de revolução orwelliana, ligada ao Império Mundial, à globalização e virtualização obrigatório de todas as instituições e relações, e ao esvaziamento de todos os sentidos, antes disso as pessoas eram plenas. Algumas tolas, outras geniais, algumas com propostas ruins, outras ótimas, algumas afinadas, outras desafinadas...

Ser desafinado podia ser o que havia de mais genial e a melhor proposta; como falou, quero dizer, cantou Sousândrade.

Não, os programas de auditório anteriores não eram "perfeitos". Mas eram sensacionais, porque eram humanos, desiguais, e cheios de sentido.

Hoje o que vemos numa macaqueação dessas, ao lado de ser micagem, o que já entristece e envergonha, é que todos são superafinadinhos, mas não possuem verdade, não trazem nenhuma proposta, não têm nada a dizer. Só querem agradar. Para poder fazer sucesso na tv e na net, e serem os melhores produtos que se podem comprar.

Nos tempos pré-pós-humanos isso se chamava prostituição, fosse da pessoa, fosse da arte, era igualmente ruim. Hoje se chama mercadologia (marketing), e se julga ser todo o possível a nós, ex-humanos.

Outro exemplo podemos ver no filme *BMW Vermelho* (Brasil, 2000, Edu Ramos e Reinaldo Pinheiro).[2]

Há uma violência incrível ali.

Das pessoas que dão o carro para o personagem, e da própria comunidade, em relação ao fato de eles terem ganhado o automóvel num concurso, e de serem proprietários do veículo.

São situações muito artificiais.

Quem escreve tais textos (roteiro, direção, atuação, montagem, tudo), podemos ver que nunca morou em uma comunidade pobre, periférica, e cria estereótipos sobre o "comportamento" e a mentalidade de quem lá vive.

Conheci esse filme em um curso que fiz sobre Educação a Distância (EaD), onde o conteudista queria que nos sentíssemos identificados com o sujeito que ganha o carro, ao recebermos a oportunidade de trabalhar com o computador, a internet e o AVA (ambiente virtual de aprendizagem, isto é, as salas de chat, murais e outras ferramentas *on line* criadas para dar o curso a distância por computador e internet).

É claro que eu recusei a relação entre o filme e o curso, não podemos ver assim a nossa relação com a EaD e as tecnologias informáticas.

Por vários motivos.

O livro já é informático, tem tela, menu, nele a gente navega etc.

O cidadão alfabetizado já tem consigo várias astronaves, aviões, submarinos e carros de corrida, e os utiliza muito bem, não pode se considerar um desvalido, ao entrar no tão fetichizado ambiente virtual.

O filme não é só mal informado, ele passa uma visão preconceituosa, que tanto pode distorcer o entendimento do que é a relação de um morador de comunidade "periférica" com as oportunidades da nossa sociedade, quanto qual é de fato a nossa relação com as novas tecnologias.

O filme é pavoroso, seja literalmente, ou como metáfora.

O morador de favela não é necessariamente um tolo, como a obra em tela pretende fazer crer, um imbecil que não pode receber riquezas, e que só se atrapalharia com elas, se as obtivesse.

Quase sempre quem mora nessas comunidades são pessoas que aceitam muito bem as novidades, e procuram se atualizar e enriquecer com o que obtêm: sejam carros (muitos os têm, ali), seja a internet (que a maioria efetivamente usa), sejam oportunidades de ascensão social (que sempre procuram agarrar e aproveitar).

O maior problema desse curta é que ele é mesmo curto, e se estende em uma metáfora totalmente errada do nosso país.

Em relação à Educação, não podemos incorporar essa como mais uma camada da distorção que ele faz sobre as comunidades, não devemos nos sentir assim.

O que realmente é forte é o pensamento e a vontade de aprender e ensinar.

As tecnologias só se casam com isso, quando o fazem, quando conseguimos acessá-las e sermos seus senhores, para que a façam. Se não fizerem, valem menos que lixo. Ou são pior que lixo, pois emburrecem.

Esse é o nosso desafio: ativos são o aluno e o professor, o ser humano no processo ensinaprendizagem (preferi criar esse vocábulo, num impulso roseano, refletindo minha teoria de que não há a dicotomia sujeito/objeto, ou seja, voz passiva, na educação), sempre o foi.

No caso, estou procedendo a muito mais do que uma crítica à visão preconceituosa do filme.

O motor e a alma de uma aula é o pensamento que a gera e que ela gera, e todas as tecnologias que usamos para alavancá-lo estão ali para auxiliarem esse pensamento, para proporcionarem condições as mais ótimas possíveis.

Aquele que dá a aula pode ser um favelado ou um adolescente: se for um tema que o faça pensar, ele pensará, e nos fará pensar, seja falando, escrevendo no quadro (convencional, epidiascópio, projetor de slides, datashow, interativo, tanto faz, mesmo), ou entrando no chat.

Seja ele quem for, se não trouxer a força do pensamento, não haverá aprendizado, ainda que formalmente haja aula.

Esta não será nem melhor nem pior do que a minha porque ele usa a internet; será melhor ou pior, dependendo de qual seja o seu investimento de pensamento naquela questão.

O filme é perigoso porque induz à ideia de que há uma única mão na produção de informação social – não é o carro que vai tornar o cidadão mais rico ou esperto, ou "dar-lhe" pertença a uma certa classe social.

Pensar que, por ser pobre, o personagem se comportaria daquela forma ridícula, é um reducionismo, um preconceito intolerável, e faz com que se veja de uma forma tolamente deturpada grande parte da população.

Utilizada como metáfora da EaD, induz à ideia de que o professor que tem acesso a uma nova tecnologia se sente como aquele "favelado" fake da ficção: estaria reduzido a subutilizar seu alcandorado "carro", se não saísse da sua condição mental dada.

Ora, então a questão é a metanoia, que quer dizer "mudança total de mentalidade"[3].

O automóvel pôde produzir a metanoia nos "favelados" do filme?

Não. Eles simplesmente ficaram no que estavam, e malbarataram o carro.

O carro poderia produzir a metanoia em algum cidadão?

A princípio não, porque a metanoia não é um efeito consumista.

Os seres humanos podem produzir uma metanoia em si?

Sim.

Diante do carro ou de qualquer outro evento.

Todavia, o importante a considerar é que não é o carro que gera o pensamento, assim como não é o instrumento que o gera, mas sim que lhe serve (aula, conversa, fala, papiro, livro, escola, internet etc. etc. etc.).

Malbaratar o carro (coisa que eles não fariam, na vida real, porém, dentro da visão preconceituosa da ficção, fizeram) "estaria" então programado neles.

Utilizar bem o veículo também estava programado neles; por exemplo, eles o poderiam emprestar, presentear, curtir numa boa, vender ou alugar, até poder vender.

Ou, inclusive, aprender a dirigir.

No entanto, nada disso iria mudar nada do que eles pensavam (que pensavam (que pensavam (que pensavam (que pensavam (que pensavam))))).

Já, se a pessoa produz em si uma metanoia, ela pode mudar a configuração das contingências, e aí sim, eles fariam do carro uma grande alegria.

MAIS QUE SINOS/SÍMIOS

não vamos lhe obrigar a nada
nem a ler nem a nadar quando o navio afunda
ou quando os balões escalam a coluna de ar
e brincam no meio das nuvens

ou quando o pensamento ruge e se ergue
selvagem
seja nos livros seja nas margens
dos rios dos fios dos dias

ler é receber e comunicar
a própria vida e muito mais
que signos

(Fiz este poema recentemente, quando vi que uma moça postou um elogio à leitura no facebook, e um rapaz respondeu a ela nos comentários: "me obrigue..."

Sempre fico estupefato com essa arrogância e autossuficiência, que faz com que as pessoas se orgulhem e façam bazófia da própria ignorância.

Ou, como eu falava para alguns alunos de comunidades carentes, que se orgulhavam de concluírem a escola sem nada terem aprendido: Você quer ser desobediente? Vire doutor.)

A AUTOEDUCAÇÃO

> – Tu tens razão, meu amigo, disse o filósofo, mas qual é a necessidade absoluta que impõe a manutenção de um número excessivo de escolas de cultura e, por conseguinte, que seja também inevitável um número excessivo de mestres de cultura – quando, na realidade, compreendemos muito claramente que a exigência deste excesso vem de uma esfera hostil à cultura e que as consequências deste excesso são vantajosas somente à falta de cultura?[4]

A educação comum atual possui quatro mitos que a estorvam, logo de cara.

Vamos numerá-los, somente pelo charme que a numeração produz, jogando areia colorida nos olhos ávidos ou entediados do leitor, mas eles têm igual relevância e proeminência:

1) Mito do saco de batatas – que é como se o aluno se jogasse na cadeira quase desacordado, desarticulado e totalmente passivo, na melhor das hipóteses, e concedesse ao professor: "me ensina!!!". Ora, isso não existe, como bem sabe todo aquele que dança colado. Você não pode se largar, para haver dança, os dois têm que bailar juntos.

Assim é com a educação. Ninguém ensina nada a ninguém, todo mundo aprende, se aprender, se aproveitando do que tem, do que vê e lê diante de si, seja um livro, uma amizade, ou até uma aula.

Falando sobre o fetichismo do livro como único instrumento de aprendizado, a professora e poeta Aline Thosi me disse, no programa em que a entrevistei, **No Tempo do Rádio a Lenha**:

> Ninguém disse que o livro é o único que vai ensinar alguma coisa a alguém.
>
> Todo mundo ensina tudo a todo mundo.[5]

Se você colocar na frente do estudante o maior professor do mundo, ele só conseguirá ensinar algo para o outro, se o outro quiser aprender.

Por isso o professor deve ser sempre o seu próprio aprendiz, e o seu próprio mestre.

2) Mito da leitura – trata-se da ideia descabida de que a leitura é uma coisa absurda e difícil, longe da realidade e das práticas das pessoas, e assim são os livros ou quaisquer outros recursos de registro e recuperação de informação.

Esse preconceito nasce do distanciamento entre as populações e seus códigos, operados desde a antiguidade por estados imperialistas, como no Egito e na Babilônia (o nascimento do estado como captura de códigos[6]).

A escrita era considerada sagrada, secreta, segredo de estado, e propriedade e apanágio do rei e dos sacerdotes.

Na idade média a igreja católica dominava a escrita e a cultura, e o povo se sentia também afastado dos textos escritos.

Entendamos que teocentrismo (que, etimologicamente, significa "Deus no centro") é quando a autoridade religiosa domina as práticas de saber e de poder da sociedade. Aconteceu na idade média europeia, mas em muitos outros tempos e lugares, e ainda ocorre.

O antropocentrismo ("o ser humano no centro") se dá quando a sociedade como um todo (tanto as suas facções laicas quanto religiosas) disputam pelas práticas de saber e de poder. É quase sinônimo de ocidente, da polis grega à urbe contemporânea.

A leitura sempre foi uma das dimensões mais importantes para o desenvolvimento humano, tanto no âmbito social quanto psíquico.

Hoje há uma exigência muito grande de várias competências, e a leitura apresenta muitas faces, como a intertextualidade, o contexto, as ilações, a funcionalidade, a polissemia, além da questão da leitura de processos informáticos.

É preciso, individualmente, correr atrás de obter as

competências relacionadas, e, em nível nacional, dedicarmo-nos a uma melhor educação, que integre a todos e seja democrática, igualitária e cidadã, promovendo, mais que tudo, estas competências.

Hoje em dia, quando tanto se fala de uma pretensa "falta de leitura", o que vemos é que esta prática se multiplicou e potencializou, tornando-se presente em vários níveis das nossas atividades, tanto em um sentido mais tradicional, como o ato de ler textos escritos, filmes e quadros, quanto nas leituras de mundo, de sociedade e da rede cultural (com a qual a internet se integra).

Isso é importante de entender, a rede.

Os primatas que não éramos contavam com sua força física e algumas táticas, como subir em árvores, o que já iniciava uma relação cibernética com o ambiente.

A cibernética é o estudo da transmissão da informação entre seres vivos e máquinas ou coisas[7] (em qualquer combinação).

Quando um macaco usa um galho para tirar um inseto de um buraco, ele está estendendo a sua mão e os seus dedos, isso é cibernética.

A ciência hoje trabalha com a hipótese de que o *Homo sapiens* surgiu na África, há duzentos mil anos, mas essa data não para de recuar, com novos achados e teorias.

Muitos cientistas pensam que o primata que nos sucedeu pode ter sido o mesmo, com várias diferenças de grupos e individuais, como as pessoas de hoje podem possuir fenótipos tão diferentes, mesmo pertencendo à mesma espécie.

Outros acham que foram várias espécies de hominídeos.

Fosse ou não só uma (e assim, o elo perdido seríamos nós mesmos), por exemplo, esse *Homo neanderthalensis* (etc.), com ele aconteceram várias coisas, que foram se potencializando, até o momento em que já surgimos nós:

– inclinação horizontal do osso esfenoide, embaixo do cérebro, que dava mais espaço na caixa craniana, para o cérebro crescer;

– recuo do maxilar inferior (todos os outros primatas são

prognatas), e consequente possibilitação da boca para produzir uma ampla gama de fonemas;

– puxamento do corpo para a postura ereta, pelo reequilíbrio do esqueleto e da espinha, com a mudança do ângulo do osso esfenoide;

– liberação das mãos, as quais eram usadas antes para locomoção no solo e para subir em árvores, o homem agora anda ereto, e suas mãos estão livres para: carregar, transformar, ameaçar, acariciar, transportar, lutar e sinalizar.

Esse homem que nasceu tinha o mesmo corpo não muito espetacular de outros primatas de médio porte, porém, ele tinha uma capacidade cibernética semiótica muito grande, proporcionada pelo desenvolvimento do supracórtex (a parte superior do cérebro, que nos dota de criatividade, capacidade lógica e linguística), criação da fala e do aparelho fonador, e uso das mãos, além da postura ereta.[8]

O homem começou a trabalhar com a rede semiótica.

Vamos imaginar hipoteticamente uma situação.

Ele via um bando de bisões em um vale, próximo.

Chegava à aldeia e contava, desenhava, fazia esquemas de onde eles estavam, como poderiam ser caçados etc. Usava a linguagem para desmembrar e rearticular o real, dentro de suas propostas ergonômicas (nascimento do trabalho como algo cultural, mediado pelo simbólico, diferente dos outros animais) e econômicas (nascimento da empresa, enquanto empreendimento coletivo e liderado, com um propósito e resultados).

Depois fazia as armas, e combinava a estratégia da caça.

Na hora de caçar, pelo alcance do grito, ele podia dar comandos e ir adaptando a estratégia, sendo que todos os caçadores agiam integrados em uma megamáquina (uma máquina formada de várias máquinas integradas, que funcionam juntas como uma máquina só), seguindo o comando do líder, comunicado pela fala e pelo grito.

No livro *As tecnologias da inteligência*, Pierre Lévy teoriza que o homem foi evoluindo pelo uso da fala (para comunicar e guardar

informação, no alcance do grito e da memória neural, individual e tribal), depois aconteceu uma nova evolução pela invenção da escrita (a ordem era transmitida por escrito, com alcance territorial, e a memória estava nas escrituras, que continham mais informação que a memória individual, e poderiam proporcionar durabilidade maior), e agora a nova fase, com o espaço virtual (comunicação instantânea, e memória esférica planetária integrada).[9]

Este terceiro caso é a world wide web, "rede de alcance mundial", a teia global de informação, memória e comando.

Mas a rede sempre existiu no homem, ela é neural, depois das falas, ações e artefatos, depois também do território, da cultura, das práticas, das cidades, das ruas, dos sistemas de água, de gás, de luz etc.

Todo ser humano do planeta teve que ler a rede, desde que a humanidade nasceu. Ler para atuar integrado em rede com os outros seres humanos. Ler e rede são as duas únicas formas de ele se integrar ao mundo humano.

Ler e escrever se ligam profundamente dentro de nós, o que significa que, quanto mais lemos, mais nos habituamos com a mesma técnica da escrita, na sua projeção, na sua "engenharia" mental.

Entendamos: ler e escrever são as duas faces da mesma moeda. Só podemos realmente fazer uma bem, fazendo a outra melhor (processo de retroalimentação dinâmica).

Podemos pensar que a questão da alfabetização também possui mais de um nível.

A pessoa pode ser o alfabetizado literal (de "littera", em latim, que traduz "gramma" em grego, e que querem dizer "letra"), aquele que sabe ler e juntar as letras. De *littera* veio a palavra literatura, de *gramma*, o vocábulo gramática.

Mas, para poder entender e operar com o que lê, ela precisa de um segundo nível de alfabetização, que se chama geralmente de funcional, o que significa que o cidadão lê, entende o que leu referencialmente (pelo menos), e pode operar com as informações que obteve ao ler.

Porém, ainda é necessária a conquista de uma camada de alfabetização, na qual ela é capaz de ler em vários níveis o mesmo texto, percebendo as suas denotações, conotações, contextualizações e intertextualidades.

Chamo a esse de nível textual da leitura, e entendo que ele é fundamental para todos os seres humanos, para que sejamos cidadãos e socializados, e cada vez é mais necessário nas nossas práticas.

Lembremos ainda que ler significa na verdade operar criativa e criticamente com o que se decifra em escrita e o que se ouve, assim como saber escrever e comunicar falando o que se deseja, com precisão e eficácia. Trata-se de quatro competências integradas, exigidas a todos na sociedade atual: ler, escrever, ouvir, falar.

Conseguir entender o que se lê e o que se ouve, e expressar exatamente o que se quer dizer, quando se fala e se escreve.

E conseguir isso na perspectiva textual: conectando com outras informações, lendo em camadas, decifrando polissemias, realizando intertextualidades, reconhecendo contextos etc.

Hoje, em educação, se fala muito em "letramento".[10]

O letramento é um entendimento do processo educativo, não como algo que visa a impingir uma cultura única, mas sim a interlocução entre as várias faces e ângulos de uma sociedade. Implica também em trabalhar a língua dentro da perceptiva dos gêneros textuais.

Todo ato de comunicação numa cultura é um gênero textual, por exemplo, um soneto, uma sonata, uma conversa, um chat, uma carta, um e-mail, uma aula, uma entrevista, um livro ou uma pichação.

As músicas e outras manifestações que o estudante conhece e de que gosta têm a mesma importância textual que aquelas com as quais o professor está mais acostumado, podemos e devemos trabalhar com elas, não para "atrair moscas com mel", como se enganasse o aluno, mas sim para promover o diálogo permanente entre várias visões e formas de expressão dentro da mesma sociedade.

Em uma mesma cidade são tantos falares. Num bairro, numa rua. Na mesma família, na mesma casa. A mesma pessoa produz os sons, as frases e os significados em variações contínuas (inclusive cada fonema, encarado foneticamente, o falante o produz a cada vez com uma vibração e intensidade diferentes, não produz exatamente o mesmo som).

A questão do preconceito linguístico é social, a sociedade valoriza um tipo de fala e escrita, e é preciso dominar esses tipos para melhor ser aceito socialmente, o que implica no investimento em educação de qualidade.

Esse modelo valorizado é também regional, veja-se, por exemplo, a expressão artificial que mistura prosódia, pronúncia, vocabulário, semântica e sintaxe das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, adotada e imposta pela televisão brasileira, sendo copiada como modelo em São Paulo, no Rio, nos outros estados do Brasil, e até em Portugal, África, Índia e Macau.

Todavia, não se trata só desse aspecto, vários fatores são considerados, como a pronúncia, o uso da forma correta das palavras, a concordância verbal e nominal, a regência e a competência de elencar, articular e contextualizar ideias.

> Isso que é educar: dar voz ao outro, reconhecer seu direito à palavra, encorajá-lo a manifestar-se...[11]

O letramento é uma metodologia dentro da pedagogia, que traz o entendimento da cultura em termos de sistemas de signos: não existe a pessoa analfabeta, a pessoa é sempre iniciada em alguns sistemas de signos.

No Brasil existe uma defasagem do uso da cultura letrada em muitas famílias. E o papel da escola é reiniciar o estudante em determinados gêneros de linguagem, chamados cultos ou letrados.

Ela não lida com o aluno como tabula rasa, mas como um interlocutor para aqueles gêneros que para ele são novos.

Os gêneros textuais são estudados na textolinguística, que é a ciência que não mais entende ou trabalha a unidade da

linguagem como "palavra", nem como "enunciado" ou "proposição". A menor unidade da linguagem é o texto.

A questão não é mais a imposição de regras, e sim entender quais são os recursos dos quais lança mão aquele discurso, para manter a sua coesão no nível microestrutural (das partes formais do discurso, as palavras da frase, os quadrinhos de uma revista, as notas de uma música etc. etc.) e a coerência no nível macroestrutural (o sentido e os significados que são produzidos naquela enunciação).

3) Mito do feijão – imagine que a mãe de Sarinha lhe pede que vá à venda da esquina comprar um quilo de feijão.

A moça pergunta ao vendedor quanto custa o produto, e ele lhe responde que são três reais. Ela paga, e ele lhe diz: "Hoje temos uma promoção, a senhorita compra um quilo, mas ganha um quilo e meio". Ela acha simpático, e pega o alimento.

No outro dia, sua mãe lhe pede de novo que vá à mesma venda, comprar mais feijão. Ao chegar lá, Sarinha pergunta ao seu Godofredo se o feijão subiu de preço. Ele responde, com simpatia: "De forma alguma, são três reais. Mas hoje temos outra promoção. A menina paga um quilo, mas só leva meio quilo".

Sarinha gostou da primeira promoção?

Suponho que sim.

Sarinha gostou da segunda promoção?

Quero crer que não.

Eu sempre conto essa história (que eu inventei, e narro há décadas aos meus estudantes; alguns me contaram que já a ouviram, recontada por aí, mas reivindico o *copyright*), e fico olhando para a turma.

– Entenderam?

– Sim.

– O que vocês entenderam?

– Que ela não aceitou a promoção que lhe dava menos feijão.

– Que ele queria bancar o esperto.

– Que as duas ações se equilibravam no preço do produto e no lucro do comerciante.

Já ouvi várias "hipóteses". Aí eu lhes pergunto: qual é a "moral" da história?

Quando eles respondem que não sabem, e me pedem que lhes diga, eu falo: o aluno é o único consumidor que paga um quilo, mas quer meio quilo. E se o professor chegar e disser que hoje são só duzentas e cinquenta gramas, ele fica mais feliz ainda.

4) Mito dos macacos – para contar essa história, que é fácil de encontrar na net e nos livros de educação, autoajuda e motivacionais, vou usar trechos de um artigo de Rodrigo Cavalcante e Rodrigo Maroja, publicado na revista **Superinteressante** de agosto de 2002:

> Há quase 50 anos, na pequena ilha de Koshima, no Japão, Imo, um jovem macaco que gostava de batata-doce, teve um insight que mudaria para sempre o hábito alimentar da sua espécie. Num dia de setembro de 1953, ele não levou a batata diretamente à boca, como faziam todos os outros animais. Ninguém sabe ao certo se ele percebeu que a terra suja desgastava seus dentes. Ou se ele achou mais saboroso comer ela limpa. O fato é que Imo começou a lavar a batata antes de comer, como faria qualquer dona-de-casa. No começo, ele apenas mergulhou a batata num pequeno braço d'água que corria em direção ao mar. Depois, aperfeiçoou a técnica: enquanto afundava a batata na água com uma das mãos, aproveitava a outra para retirar a lama mais aderente. Três meses depois, dois amigos dele começaram a fazer o mesmo e o hábito se espalhou pelos irmãos mais velhos, foi repetido pelas mães, numa espécie de reação em cadeia. Em cinco anos, mais de três quartos dos jovens da espécie lavavam a batata exatamente como Imo.
>
> Hoje, comer a batata limpa é uma característica das novas gerações de macacos da ilha de Koshima.[12][12]

Esse "mito" não é lenda... Está fartamente documentado, e é

relatado, por exemplo, na publicação *Primates*, volumes 2, 5 e 6, do instituto de pesquisa *Japan Monkey Center*.

A experiência e seus resultados foram originalmente reportados pelo pesquisador Lyall Watson, no livro *Lifetide*, e depois desenvolvidos enquanto reflexão e extrapolados para o comportamento humano por Ken Keyes, no seu livro *O centésimo macaco*.

Há críticas a todas as ilações, e o próprio Watson declarou que o número "centésimo" foi simbólico, e há ainda várias leituras sob a ótica da ecologia e da etologia (ciência que estuda o comportamento animal), mostrando o aprendizado das gerações mais novas com as mais velhas entre os primatas, e outros animais, o que leva muitos etólogos a falarem seriamente em uma "cultura animal".

Inspirado nessa história real, nesse fato, o biólogo Rupert Sheldrake desenvolveu a teoria do campo mórfico, que propõe que, quando um certo número de indivíduos de uma espécie transforma sua forma de pensar ou de agir, cria-se uma espécie de "massa crítica" da consciência, e toda a espécie é afetada pela mudança, e há uma tendência de que esta nova forma de agir e pensar se torne dominante.

Gosto de contar esta história principalmente nas turmas de formação de professores. Todavia, a narro em todas as classes.

Muitas vezes o professor se desanima porque a turma não lhe respeita ou gosta da matéria, ou porque tem alunos desinteressados, mal preparados e sem grandes recursos da cultura de elite na sua família, ou porque a escola fica em uma região pobre, fascistamente rotulada de "periférica", da cidade.

Porém, as mudanças que um pensador libertador quer produzir dependem sim de uma certa massa de pessoas que as entendam, que sejam afetadas pelas novas propostas. E a gente nunca sabe quando essa massa vai ser atingida, em termos humanos, quando o "centésimo macaco" aprenderá a "lavar as batatas".

Por isso, toda aula pode ajudar a transformar a consciência humana, como um todo.

Se...

5 – Mito da cachoeira – quando falamos para uma turma de quinze alunos (o número certo, na minha opinião, a revolução educacional brasileira vai começar quando todas as turmas forem de quinze alunos), estamos na verdade afetando dezenas, centenas, milhares, milhões, bilhões de pessoas, pelo efeito cascata da rede humana de relações sociais e comunicações atuais e virtuais (o real é: 1 – atual, presentificado, e 2 – virtual, quando é também real, mas se dá em outras instâncias não convencionais de "visibilidade", como no caso dos chats, e-mails, telefonemas, cartas, filmes, vídeos, discos, livros etc.).

Penso que existem três programações humanizantes. Todavia, como no caso dos mosqueteiros[13], são quatro.

Nossa primeira e mais fundamental programação é biológica, genética. Todos nós compartilhamos o genoma humano.

No entanto, o ser humano é o único animal que precisa de algo além da sua simples genética, para se tornar o que é.

Nós precisamos da linguagem, para nos humanizarmos, pois através dela seremos inseridos na nossa complexa sociedade, com tantas instituições, costumes e valores. Claro, estou falando de qualquer sociedade humana, de qualquer tempo e lugar, todas igualmente complexas.

Podemos dizer que o ser humano tem dois códigos que o constituem, o biológico e o linguístico-sócio-cultural.

Mas, na verdade, o simples domínio da língua materna não é suficiente para a total integração humana ao mundo.

Ainda mais no mundocidade, que é midiaglobalizado.

Precisamos de um uso especializado da linguagem, que comumente é chamado de "textualidade".

Saber e poder fazer a relação da informação em foco com várias outras, de vários outros níveis e sistemas, é fundamental para todos os seres humanos; sem esta competência (que é mais do que o uso da língua falada e escrita), o homem é alijado parcial ou totalmente das práticas sociais e das instâncias que percorre.

Portanto, a questão da língua é mais que um aprendizado. É aprender, mas também é se humanizar, se socializar e se desenvolver no mundo.

A quarta programação pós-humanista virtual também influi, nas etapas sucessivamente rápidas de transformação social global, por exemplo, no Brasil dos anos 90 para cá, somos cada vez mais obrigados a utilizar computador, máquinas computadorizadas (como aquelas na quais sacamos dinheiro em banco) e internet, quer queiramos, quer não. Esse é um dos aspectos de algo que é mais que autoritarismo na sociedade atual. Trata-se de uma fábrica semiótica de humanoides, no perverso ou inverso circuito mídia-computador-sociedade.

Não podemos nem devemos ignorar o fenômeno, ele escancara todas as portas como um tsunami de água, fogo, madeira, metal e ar.

Porém, podemos reinventar a educação, não só para nos apropriarmos de partes do sistema, e sim para transmutá-lo em algo que seja a nosso favor, e não pela escravidão humana.

Resposta a Drummond

Diz Drummond:
"– O professor baixa a voz,
Com medo de acordá-lo".

Meu querido poeta monstro
Que mostrou a alma do Brasil pro Brasil
Você não se chamava raimundo mas o mundo
Todo chama e clama por você mesmo sem o saber

No entanto você que soube tanto cantar no seu canto
O meu caminho o meu amor e o meu espanto
E toda a dor de sermos só nós sem sermos sós
Você não é professor nem nunca foi

Se fosse saberia que professor é um cara acordador
Que só pensa em acordar todo mundo o tempo todo
Ele é um despertador de puro ouro existencial
E puro amor[14]

AS SETE FACES DA EDUCAÇÃO

Sou professor.

Com muito orgulho e felicidade.

Já dei aula para alunos particulares, no Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), no Nível Fundamental, no Médio, na Educação de Jovens e Adultos, para alunos especiais[15], no EaD, no Superior e na pós-Graduação.

Todos os níveis e modalidades são fundamentais, da maior importância para o nosso povo. Em todos eles os professores devem ser igual e regiamente remunerados.

Você pode perceber num átimo qual a posição de um país no cenário mundial, se ele é desenvolvido ou não, e se sua qualidade de vida (expressa de forma parcial pelo IDH, índice de desenvolvimento humano) é das melhores, simplesmente constatando como é encarada a educação nesse país, se ela é ampla e totalmente valorizada pelo governo, pelos seus cidadãos e pelas empresas.

Várias vezes eu vi o professor sendo humilhado na nossa sociedade.

Isso é intolerável. Não é assim que se constrói um país. Segundo Monteiro Lobato, é "com homens e livros", quer dizer, pessoas integralmente bem formadas, em todos os níveis, livres porque pensadoras, e obras de escol, que proporcionem e alimentem essa formação.

Vi o grande pensador Darcy Ribeiro dizendo, nos anos 80, quando era candidato a governador (porém perdeu), que os professores públicos de "segundo grau" (como se referia então aos professores secundários, de ensino médio) eram péssimos.

Vi meu mestre filósofo falar para nós, numa aula, na mesma época, que, se não estudássemos seríamos "professores de segundo grau, ou, pior, de segunda categoria".

E justamente nesse período eu começava a dar aulas no ensino médio.

Uma coisa que aconteceu logo quando eu iniciei na carreira me impressionou bastante.

Eu estava começando a dar aulas no Colégio Mendes de Moraes, uma escola pública estadual na Ilha do Governador, e encontrava quase que total despreparo e resistência dos alunos.

As coisas mais simples e básicas pareciam complexas demais para eles, segundo o que me sinalizavam.

Depois de uma dessas aulas iniciais, fui a uma loja de jogos eletrônicos, como as havia nos anos 80, "lojas de *pinball*", pela cidade, sendo que eu não sabia como jogar. Fui apenas para me distrair, "esfriar a cabeça".

Devido à minha ignorância e falta de treino com os *games*, não consegui pontuar.

Foi quando vi ao meu lado uma menina de uns dez anos de idade, com um uniforme sujo e mal cuidado, da rede municipal de ensino, que, com uma ficha, ganhou todas as fases do jogo, e escreveu seu nome em primeiro lugar na tela.

Fiquei pensando. Na escola aquela menina poderia não se interessar, nem se mostrar capaz de resolver uma equação de primeiro grau.

Aqui, agora, ao meu lado, ela desenvolveu múltiplos e complexos cálculos instantâneos e espontâneos, para gabaritar a ganhar o jogo.

Onde estava a diferença entre ela, enquanto aluna e jogadora?

Qual o problema com a aula, que a desmotivava e a tornava pretensamente (falsamente) tola?

Várias vezes vi os alunos ligarem o "desentendedor" na sala de aula, e seus olhos ficarem abstraídos, descuidados do que se falava para eles.

E, de repente, entrar alguém para dar um aviso que eles considerassem importante, e seus olhos brilharem na hora, porque eles ligaram o "entendedor".

Alguém que adore futebol sabe todas as escalações de todas

as seleções e de todos os times, de todas as copas. Ele ficou decorando as listas? Aliás, "saber de cor", etimologicamente significa "conhecer com o coração", amar algo, e saber e conhecer porque o ama.

O que se faz hoje, e que o aluno quer exigir de nós muitas vezes, quando não o pai do aluno e até o coordenador da escola, é colocar um elenco de questões no quadro, para que ele decore todas, e algumas caiam na prova, e ele "responda" exatamente o que estava no quadro, repetindo sem dar importância, igual a um papagaio.

Decorar assim é a mesma coisa que colar, a informação está escrita com letrinhas na meia, no lenço, na barra da saia ou na mente, para logo depois da prova ser apagada com alívio, e olvidada para sempre, como algo não só desimportante, mas mesmo pernicioso ou prejudicial.

Costumo dizer aos meus estudantes que imaginem um jogo eletrônico onde o herói tem que enfrentar monstros em batalhas. Na estrada que ele percorre, há maçãs verdes que lhe dão mais força e energia, e artefatos escondidos, que ele pode usar para derrotar os monstros.

Tudo que o jogador precisa fazer é prestar atenção para descobrir, meio camuflados na paisagem, as maçãs e os artefatos.

Aí eu falo para eles que a aula é um grande manancial de maçãs verdes, e artefatos, que ele poderá usar, e dos quais irá precisar, ao longo de todo o seu caminho.

Nossa felicidade vem de amarmos a profissão, e sentirmos gratificação quando contribuímos para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo do aluno, nós professores.

O orgulho vem do dimensionamento realista que temos desta atividade.

O professor é aquele que tem como finalidade precípua de sua ocupação preservar e transmitir a capacidade cognitiva e criativa do ser humano de geração em geração, bem como os conhecimentos. Ninguém tem esta preocupação como primeira;

é o professor que se ocupa de preservar nossa capacidade de socializar, criar, criticar, pensar e conhecer.

E é esta que nos distingue como seres humanos, que aponta para a nossa evolução, seja como espécie, seja como indivíduos, seja como sociedade, seja em cada *métier*, na arte, nas ciências, na filosofia, no esporte, nas relações etc. Tudo isso evolui, e evolui porque pensamos, e buscamos entender, conhecer e criar.

Educar é viver.

Educar é conviver, é uma atividade prática, e interativa, o tempo todo.

Não se pode pensar em construção de conhecimento quando se tem a imposição de uma teoria sobre os indivíduos. Isso se torna chato, além de pouco producente. Por isso é tão importante investir em projetos como a Arteducação, Escola Aberta, oficinas de Arte, os Laboratórios de Ciências e o Laboratório Multimídia (rádio, vídeo, música, jornal e internet).

São espaços e práticas que permitem que o aluno assuma a sua voz, o seu ponto de vista, e possa aprender a construir com as suas próprias mãos o seu caminho de conhecimento e de experimentação.

A educação se apresenta para nós como um dardo, ou melhor, um dado, ou melhor ainda, um cristal, um sólido cristalino e translúcido que faz a dispersão da luz, a sua potencialização, quando aparece nas sete cores do arco-íris. E é isso que ela faz: tem sete faces, e mostra as suas sete cores.

Todos reconhecem a educação da escola, e todos conhecem a educação de casa, mesmo que não a conheçam.

Todos sentem, mesmo que não pensem muito sobre isso, que a mídia "educa" muito mais que muita gente boa. Ela pode dar uma educação da melhor ou pior qualidade, mas ela tem um peso gigantesco na formação do cidadão atual.

Vejamos uma questão, por exemplo, o respeito aos mais velhos.

Se a mãe, o pai, ou quem cria a criança, lhe ensina a respeitar os idosos, isso fica grudado na mente e na sensibilidade da pessoa, parece uma segunda natureza.

A escola vai voltar ao tema, mas, sempre, o solo fértil tem que ter sido preparado em casa. É difícil um garoto que não aprendeu a respeitar os outros, com sua família, aceitar essa lição do seu mestre, na aula, ou aceitar qualquer outra lição. Às vezes as famílias cobram dos profissionais de educação algo que só pode ser construído em casa, que é o respeito, e a visão benigna do outro, bem como aos valores humanos, sociais e de civilidade.

Educar é muito mais que construir cidadania. Não obstante, educar também é construir cidadania. E esta casa se faz com vários especialistas, arquiteto, engenheiro, pedreiro, encanador, eletricista... A educação precisa ser construída por várias instâncias nas quais a sociedade toca a vida da menina e do menino. Se a família, ou a escola, ou o clube, ou a igreja, ou os amigos, ou a mídia, ou as empresas – se só um desses vacila, pode pôr tudo a perder. E é o que muitas vezes ocorre.

Agora, suponhamos que os responsáveis incutiram na criança a ideia de respeito à terceira idade, e a escola trabalhou com o garoto no mesmo sentido.

E ele entra num ônibus, lotado, com ar refrigerado.

Uma senhora idosa, com dificuldade de locomoção, sobe a custo as escadas altas do veículo (no Brasil os ônibus usam chassis de carroceria de caminhão, altas demais, o que é desumano e ilegal, constrangendo todos aqueles não suficientemente atléticos para conseguirem escalar).

Quando ela chega perto do motorista, ele a aborda aos gritos, exigindo que desça, com frases do tipo: "minha tia, não viu que é especial?", porque é um ônibus com ar refrigerado.

Ora, a lei da "gratuidade" para idosos, escolares e deficientes (essas passagens na verdade são pagas pelos outros passageiros, estão em grande parte embutidas no valor das passagens, e em isenção de impostos), essa lei não fala nada sobre o ônibus ter ou não ar refrigerado, o que, aliás, não é nenhuma vantagem, deveria ser algo comezinho, obrigatório, numa terra em que faz costumeiramente um calor de mais de 42º C.

O garoto viu a senhora idosa ser humilhada e expulsa do

ônibus pelo motorista irritado e grosseirão, contra a letra da lei, sem que nenhum dos outros passageiros fizesse ou falasse nada, e nem sequer tenha levantado os olhos, para pelo menos registrar com sua expressão facial a indignação pela violência cometida contra aquela cidadã.

Será se ele ainda vai continuar acreditando que deve tratar bem os idosos?

A empresa aí não o está "educando", também? A empresa na figura de seu empregado, que a representa. Sabendo-se que as empresas têm a possibilidade e a responsabilidade de treinar e capacitar seus funcionários, inclusive com formação continuada, e, que a forma pela qual estes agem, quando do exercício de sua função, reflete naturalmente a "cultura organizacional", que é o modo comum de agir e de pensar dentro da empresa, e na sua interface com a sociedade.

Outra força educativa temos na mídia, expressa pelos jogos eletrônicos, desenhos, filmes, novelas, propagandas etc. Se estes demonstram desrespeito aos idosos, muitas vezes vão ter mais peso para a criança do que a palavra da mãe e do professor, infelizmente.

Isso porque as telas das comunicações eletrônicas não são meramente elétricas nem emitem luz, elas são o que eu disse, eletrônicas, trabalham com feixes de elétrons, e a sua luminosidade é dada pelo seu efeito de fosforescência quando colidem com os pontos de um *screen*, e, no processo, se emitem várias radiações, as quais alteram o funcionamento cerebral, reprogramam a onda mental do indivíduo, e reduzem momentaneamente a capacidade de raciocínio. Por isso viciam, e são chamadas de drogas eletrônicas.

Hoje em dia a educação, bem ou mal feita, está em todas as práticas sociais, desde quando nascemos até as relações sociais e institucionais que temos, e a responsabilidade pelos seus efeitos é da sociedade como um todo.

Lutamos por uma educação que desmonte e desconstrua um esquema em que o lucro e a robotização são as metas das várias

instâncias sociais que nos "educam". Na verdade, a educação, como tudo, pode mostrar uma grande quantidade de faces, e fases.

A educação, como tudo no mundo, não é um bicho de sete cabeças: é um bicho de um número incontável de cabeças, e faces.

Ji

Coro de todos os profetas
Avatares
Mestres
Professores
Pensadores
E teóricos:
– Meus filhos
Por que vocês seguem tão ao pé da letra
Todas essas besteiras que eu falei?

危机

O QUE É EAD?

> A segunda área da teoria multifocal da inteligência se refere ao corpo das complexas variáveis que influenciam em pequenas frações de segundos os fenômenos que leem a memória e produzem os pensamentos.[16]

Como tudo na vida, e como sempre nas ciências humanas, uma definição cabal é impossível, há vários lados da questão, vários ângulos, muitas visões, e inúmeras formas de lidar com a EaD.

Nas fontes que compulsei (nas notas e bibliografia veem-se algumas, outrossim, nem tudo se referencia nas notas, tantas aulas que recebi e dei, conversas que mantive, *shows* de rádio e tv a que assisti, as entrevistas dos vários programas que faço nas Faculdades, como **No Tempo do Rádio a Lenha**), vislumbro alguns pontos em comum que podem nos servir de guia para uma aproximação ao seu entendimento mais amplo: o distanciamento entre docente e discente (mais ainda, se o docente for compreendido como o autor do material, e o tutor como uma terceira figura; essa triangulação é nova e apresenta várias faces problemáticas); o uso de tecnologias variadas (aproximamo-nos aqui da questão da multimídia, vários meios, EaD é uso dos vários meios em favor da educação, e não simplesmente o uso do computador); e a questão do autoensino.

Mesmo que esta seja polêmica, pensamos que todo aprendizado é autodidata em certo nível: é a atitude ativa e atuante do discente que lhe faculta aprender, não o ser objeto de uma ação, mas ser ator também, e interlocutor.

Talvez isso fique ainda mais claro quando se trata da EaD, considerando que a necessidade de uma iniciativa continuada de esforço para o aprendizado fica ainda mais explicitada na prática para a maioria dos discentes.

Dentro da realidade de superpopulação, tentativa de democratização da educação e práticas comunicativas virtuais, viceja a proposta do Ensino a Distância ou Educação à Distância (no masculino ou no feminino, com ou sem crase), o famoso EaD.

Um dos problemas para a atualização das escolas em relação a essa nova conformação sociocultural, é aquele citado pelo sociólogo Marcelo Silva quando, na entrevista "Falta interatividade", trata das dificuldades de implantar uma educação informatizada nas escolas, que meramente compram equipamentos, tipo computador e tablets, mas não treinam seus professores para usar essa tecnologia:

> O mais curioso dessa história é que os clássicos teóricos da educação, /.../ todos já acionavam o professor para posturas democráticas, participativas, dialógicas. Estas posturas é que precisam ser desenvolvidas com o computador.[17]

Outra característica da nossa nova sociedade, econômica e politicamente falando, é que agora a formação continuada precisa estar presente em todas as fases da vida do cidadão, a rigor em qualquer atividade que ele desempenhe, ou mesmo se ele já estiver aposentado.

Todo ato de ensinaprendizagem depende da comunicação, a qual funciona o tempo todo com signos e textos.

Uma das mais candentes questões, tanto no ensino presencial quanto no EaD, e diante da qual os profissionais e governos costumam adotar uma postura de avestruz, diz respeito à necessidade da avaliação do processo ensinaprendizagem.

Ocorre muitas vezes uma atitude cultural, que se repete através das gerações, sempre se repondo e se recompondo, de forma diferenciada quanto ao modo, mas integrada a uma ideia mais básica, de que aprender é repetir modos e modelos, se submeter a um discurso.

Penso que esta mentalidade tão arraigada é que precisa ser

modificada, tanto no presencial quanto no virtual, para superar os antigos vícios. Nada nas interfaces virtuais garante uma metanoia, uma mudança total de mentalidade, o que é necessário para que a educação realmente ocorra.

Problema dos mestres taoístas chineses, monges zen japoneses, dos filósofos socráticos gregos, das madrassas[18] árabes, das escolas ocidentais (ao longo dos séculos) e de todas as pessoas e instituições que realmente acreditaram e investiram na educação como criação e autocriação.

Falo concomitantemente do ensino a distância e do presencial, pois muitos desses aspectos são também presenciais, como a interação face a face, com seus aspectos verbais e não-verbais, que trazem uma enxurrada de informação não padronizada e, teoricamente, não-computada, mas, na verdade, muito bem computada, seja de forma mais ou menos consciente.

No caso do EaD, todo esse material que ganha uma certa abstração comportamental – expressão facial, olhares, gestual, interação linguística com microrrespostas a cada momento – precisa ser vivenciado pelas TIC (tecnologias de informação e comunicação[19]), através delas, porque é o que temos, uma vivência mediada, como todas são (gestos, olhares, expressões faciais, atitudes corporais, sons inarticulados ou palavras são meios de comunicação, também); mas por meios "novos", quero dizer, que não correspondam a uma expectativa anterior do que seriam; talvez fosse melhor dizer, meios "renovados", instrumentos quaisquer (aula convencional e todo seu aparato, ou EaD e AVA) arrancados de sua mesmice e automatismo cripto-autoritário, e lançados numa nova expectativa e perspectiva, pró-criadora.

Há uma interação tão grande entre os agentes, o meio social, o contexto e o meio comunicacional, que somos na verdade fruto desse agenciamento. É notório para todos que somos seres culturais e linguísticos, todavia, até que ponto isso chega?

Pensamos que chega ao ponto de sermos em grande medida o fruto da injunção dos elementos culturais e materiais do nosso

entorno, bem como, e, principalmente, das relações entre os agentes. É nesse sentido que a educação nos constrói, quando a construímos, e nos construímos, também.

A questão não é só se se trata de ensino presencial ou EaD, mas, sim, de qual é a seriedade da proposta, como ela se aplica e desenvolve, e qual é a sua fundamentação filosófica: aprender para pensar, pensar para aprender, com tudo, principalmente, uns com os outros.

O que importa pensar, nesse caso, é a não hierarquização do acesso ao saber, da fala autônoma, e, com ela, o problema da produção de cidadãos conscientes e pensantes, diferentes dos sujeitos (subjugados) que eram na verdade objeto de uma prática, situação passiva, artificial, imposta.

Ao vermos crianças brincando de aprender e aprendendo a brincar, percebemos o quanto a sua relação social/comunicacional se dá em rede, o quanto elas não têm travas para falar/fazer, e o quanto participam de cada microetapa da construção do brinquedo/tarefa.

Pensamos que o grande desafio da educação no nosso século é resgatar em nós esse agente participativo e dialógico, ativo e plurilógico, que consegue pensar/atuar/aprender em rede, seja essa rede virtual ou atual, que está nas crianças, e muitas vezes se oculta no indivíduo adulto.

Imagine que uma professora coloca muito papel e muitos lápis de cor junto com vários vidros (embalagens plásticas, seguras para crianças) de tinta sobre uma mesa, junto à qual está sentado um menino, que eu vou chamar hipoteticamente de Zezinho.

Zezinho tem quatro anos de idade, e ainda não frequenta a escola.

Digamos que a sua mãe, dona Aurélia, é amiga da professora, e pediu que ela ficasse com ele por algumas horas, por um motivo qualquer, e ela levou o garoto consigo ao colégio, e, quando foi dar uma aula, deixou-o sentado bonitinho com papeis e tintas.

Uma hora depois, quando ela volta, o que aconteceu, com certeza?

Zezinho pintou e desenhou em todos os papeis, sobre a mesa, nas cadeiras, no chão, nas paredes, no teto, e em si mesmo.

Está exultante, rindo e pulando de alegria.

Quando a professora lhe pergunta, apontando algum desenho:

– O que é isso?

Ele responde com firme convicção:

– É você. Esse sou eu. Esses são minha mãe e meu pai. Esse é o sol.

E cada desenho que ele fez é uma arte viva e total, para ele, e para quem queira ver.

Dez anos depois Zezinho volta à mesma escola, para ficar com a mesma professora, que lhe dá papel e tinta. Ela se lembra do que aconteceu no passado, para ele a cena se instalou no inconsciente.

Quando a professora sai, e volta à sala de aula, uma hora depois, ele continua sentado quieto, os papeis, tintas e lápis intocados.

Ela indaga:

– E então, Zezinho?

– Então o quê, fessora?

– Você não vai fazer nada?

Ao ouvir isso, meio desconfortável, o menino redarguiu:

– O que a senhora quer que eu faça?

– Desenhe, pinte!!!

– Eu não sei pintar!!!

Aos quatro anos Zezinho não tinha medo de repreensão, nem da autoridade, criava sem bloqueios e ficava feliz com isso. Aos quatorze anos Zezinho age por comandos, e se considera não criativo, não tem coragem nem vontade de brincar com as cores, de experimentar, de tentar.

O que aconteceu com ele, nesse interregno, para ele ficar assim?

A tendência da nossa sociedade é se virtualizar cada vez mais.

As partes se encontram: a EaD pode ter surgido para atingir algumas situações de exceção ou periféricas, como alunos que

pouco tempo tinham para se dedicar ao estudo, ou estavam de algum modo em alguma “periferia” social (espacial, temporal, financeira).

Existe a proposta de levar a educação a todos, mesmo que: estejam em uma faixa etária não usual para aprender na perspectiva antiga, ou morem longe de um grande centro de ensino, ou não tenham “tempo livre” para estudar, ou pertençam a uma faixa socioeconômica menos privilegiada.

A questão é que quase todos os que vivenciam tais situações vêm sendo tradicionalmente relegados em nossa sociedade. As desigualdades de acesso a e conhecimento de novas tecnologias comunicacionais é vista por todos, e só faz se agravar, numa contingência de desigualdade social crônica.

Tipo assim: ele trabalha e não tem tempo pra fazer um curso regular, mas não tem computador. Ou ele tem tempo e acesso virtual, porém apresenta muitas dificuldades físicas e/ou psicológicas para utilizar o computador, devido à sua idade.

Ou ele mora longe, em uma cidade onde só existe <u>um</u> computador da prefeitura, o qual é disputado por todos: políticos, funcionários, professores e alunos de EaD que consigam ter acesso ao privilégio de concorrer a uma fatiazinha do uso do seu tempo.

Esta situação específica eu não inventei, dando aulas de pós-graduação para alunas que já são professoras e moram em cidades do interior do país, elas me relataram várias vezes o caso, explicando mais uma dificuldade que encontravam para estudar e fazer e enviar os trabalhos que lhes dei.

Hoje, essas situações se multiplicam de uma forma caleidoscópica e fractal, há várias entradas de tempo útil, idades, geográficas, topológicas etc.

Sendo assim, a tendência, cada vez mais, é:

– O estudante do EaD ser vários e não ser mais possível determinar o seu “perfil”, como sendo de um só tipo.

– O aluno convencional, bem como o trabalhador, o cidadão político, o consumidor, o fruidor de uma arte, o participante de

um hobby etc., não têm mais a atenção unidirecionada e fechada, continuada e monotemática, como vinha ocorrendo no capitalismo industrial, depois da Revolução Francesa; textos e vivências partilhados, virtualizados, dialogizados e hiperlinkados geram uma nova forma de pensar e sentir, e assim a educação também será.

– Somos as mulheres e os homens desse novo mundo. Como já dizia Caetano, "não há outros".

No caso do ensino médio, o que é distância? Muitas vezes diante de um computador, de um vídeo, de um chat, de um livro, de uma revista e outras situações que seriam consideradas assim, o adolescente se envolve mais, se sente mais engajado e participativo, até porque, e essa é outra característica que antevejo agora, como no caso de toda a nossa sociedade informacional; a relação dialógica mediada é uma forma de propor a superação de duas faces da mesma moeda: a insegurança que intimida e dificulta o aprendizado, e o autoritarismo que intimida, e também o faz.

Tradicionalmente em nosso país duas coisas se unem para envenenar as relações civis: os desmandos e descasos com a lei, da parte das instituições públicas, que muitas vezes ocorrem, e a alienação do cidadão de sua cidadania, que ele substitui por panaceias ineficazes e agravantes, como o "jeitinho" e a subdesenvolvida e trapalhona "cordialidade brasileira"[20], que muito pouco tem de cordial, e possui muito de discriminatória, aleatória e anti-institucional (na verdade, contra a solidificação das instituições).

Todos sabemos que a EaD é um novo modelo de educação, mas como agir para que ela seja realmente eficaz? Que realmente funcione, aja, contribua, desconstrua visões antiquadas, e construa um cidadão pensante e consciente, livre para agir e pensar com criatividade e senso crítico.

Para mim, essas são as questões: dificuldade de acesso a novas formas de inserção social por questões financeiras, psicológicas, etárias, sociais, e outras; o uso de escapatórias para a edificação

real do cidadão e da cidadania, representadas pelo descaso e pelo "jeitinho"; a possibilidade que temos enquanto participantes desta sociedade e desta construção de agir para tentar reverter a situação secular do país, e fazer da Educação uma coisa só, presencial ou EaD, que seja realmente ativa e construtiva, na formação de cidadãos conscientes e criativos.

A integração de meios (que é outra forma de falar multimídia, todo cidadão hoje é forçosamente, e, prazerosamente, ou não, multimídia) é uma das chaves para entender a EaD. Todos os meios podem e devem se integrar na construção do conhecimento, inclusive o, oficialmente, presencial. Na verdade, trata-se de várias formas de presenciais, pois lidamos agora com uma subjetivação que percebe as realidades e interações virtuais como reais também. Que, aliás, o são.

Pragmaticamente falando, em termos educacionais, no desenvolvimento de uma tecnologia da EaD os AVA (ambientes virtuais ou digitais de aprendizagem) são uma conquista técnica e pedagógica, que ainda não estava nos estágios da EaD que utilizavam impressos e vídeo, somente. Foram várias fases, desde os meados do século 20, pelo menos, utilizando literatura impressa, depois rádio, depois gravações, depois a tv; um exemplo bem antigo e que persiste é o Instituto Universal Brasileiro, fundado em 1941, e que continua dando cursos por correspondência em todo país, até hoje.[21]

Agora, com a tecnologia da inteligência coletiva que se agencia através de múltiplos recursos, temos o desenvolvimento permanente desta nova e-ferramenta, que é fundamental, porque permite de verdade a construção coletiva dos enunciados, e um tipo especial de dialogismo a várias vozes, ou melhor, polifonia, pois todos os argumentos e as informações estão presentes na mesma página, possibilitando uma conversa potencializada, que trama muitos falares e ideias, todas podendo se cruzar em múltiplas redes. A conversa ao vivo segue um fio mais linear, que esquece o que não fica na crista da onda do que está acontecendo.

A conversa no AVA permite uma pluralidade e uma complexidade de pensamentos pela constância e permanência das falas no ambiente.

Quanto aos multifacetados (agora são vários e fractais) choques de gerações, gostaria de propor algumas estratégias para incrementar o diálogo intergeracional:

– conversar sobre mídias não usadas pelo aluno;

– desenvolver pesquisas em livros, jornais e revistas;

– pedir que ele faça um trabalho que comece numa mídia impressa e termine numa mídia eletrônica;

– pedir que ele faça um trabalho que comece numa mídia eletrônica e termine numa mídia impressa;

– sugerir pesquisas que abordem o confronto de linguagens, gêneros e mídias.

O professor Marco Silva demonstra em sua fala com cuidado e afetividade, no vídeo "Interatividade na educação", que:

> A ideia de interatividade, ela é extremamente feliz e benvinda em nosso tempo. Eternamente fomos expectadores. Vivemos a condição de expectador, separados dos emissores.[22]

Acho muito importante a distinção que propõe entre ferramentas e interfaces (como no caso das wikis e chats), e entendo a crítica ao quanto essas faces são limitadas, mas têm o seu valor real como, conforme ele diz, "construção de pertencimento".

A ideia de "avaliação processual" me parece a forma mais honesta e generosa de avaliação e autoavaliação, e, mesmo esta, considero limitada, mas, pelo menos, ela nos dá uma percepção qualitativa e continuada do processo, levando em conta várias ferramentas e interfaces.

Penso que a ideia de avaliação como "seletividade" é um problema tanto docente quanto discente, os próprios alunos se entendem conforme sua capacidade de devolver mecanicamente aquilo que lhes é imposto.

O EaD (e os AVA) não são garantia de uma mudança dessa mentalidade, muito pelo contrário. Historicamente o EaD aparece para democratizar, reduzir o fracasso e atingir pessoas que não conseguiam chegar antes à Educação.

Mas a tendência tem sido duas:

– repetir antigos vícios na nova roupagem;

– se render ao fascínio dessa nova roupagem, e pensar que isso, por si só, constitui evolução ou maior dialogismo.

Ao meu ver, presencial e EaD são uma continuidade, e vícios antigos, como, por exemplo, aqueles pertinentes à avaliação, não vão mudar apenas mudando-se as tecnologias e as interfaces.

É aí que entra a importância do material didático em EaD. Como nessa nova "encadernação" a relação se faz nova, e interativa, através deles, é premente e urgente que sejam plásticos, adaptáveis, multifuncionais, porosos, e permitam o dialógico, a construção da inteligência coletiva e a posição de cada um dentro desse emaranhado ou hiperestrutura comunicacional, que funciona como um hiperlink de falares e pensamentos.

Autonomia, capacidade crítica (desconstrutiva) e criatividade (construtiva) são atributos e apanágios da inteligência real, aquela que se assume como ser único, e pensante.

O que a Educação quase sempre tem feito no mundo, depois da Revolução Industrial, tem sido produzir "corpos dóceis", obedientes peças humanas do sistema, como alertam Michel Foucault (com o livro *Vigiar e punir*[23]), Charles Chaplin (com o filme *Tempos modernos*, 1936) e Roger Waters junto com a banda Pink Floyd (no álbum conceitual de rock progressivo *The Wall*, de 1979, e com o filme de mesmo nome, dirigido por Alan Parker em 1982), quatro entre tantos grandes pensadores que atacaram esta questão.

Outro problema ainda é a figura do tutor.

Acho importante a problematização que Maria Elizabeth de Almeida faz do termo:

> O uso da denominação tutor pode escamotear a presença de um profissional responsável pelas interações com os alunos, com qualificação inferior às exigidas do professor.[24]

O tutor precisa e deve ser muito bem treinado. Os recursos digitais não são uma panaceia, que garantiria por si só um aprendizado autônomo ou uma atitude crítica e criativa diante do saber.

Entender que EaD e os recursos das mídias eletrônicas são um placebo que resolva por si só a questão da desmotivação, alienação e preguiça mental das pessoas não é dignificar a atuação do tutor.

Este deve ser muito bem treinado e formado, e deve produzir em si o pensador, para que o possa despertar nos seus alunos, antes de tudo, pela exemplaridade.

Se não pode ter o status de professor, deve ser criado um novo status, que traga em si essas prerrogativas, de grande preparação, grande abertura de audição e recepção para a fala do outro, e grande poder de pesquisar e pensar, e de provocar a pesquisa e o pensamento.

Ativo > criativo > proativo > pensador

> Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água – carece de espelho. Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende. Por que é que todos não se reúnem, para sofrer e vencer juntos, de uma vez?[25]

Antes do construtivismo, já se falava em “pedagogia ativa”, encontrada na “escola ativa” (de Bovet, Claparède, Ferrière, Piaget etc.), nos “métodos ativos” (de Montessori, Decroly, Parkhurst, Washburne etc), e nas “escolas novas” (de Reddie, Badley, Lietz, Desmolins etc).

Como escreve Lorenzo Luzuriaga (referindo-se ao século 20):

> A Pedagogia ativa constitui, sem dúvida, o movimento mais interessante e inovador da educação atual. /.../ Seu ponto de partida pode marcar-se em Rousseau, embora também cumpra conhecê-lo em Pestalozzi, com suas gloriosas experiências escolares. Mas cumpre chegar ao nosso século para encontrar as principais teorias e realizações da tendência ativista.[26]

No Brasil, uma das mais importantes repercussões das várias faces da pedagogia ativa foi o *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, de 1932.

> Ao ser lançado, em meio ao processo de reordenação política resultante da Revolução de 30, o documento se tornou o marco inaugural do projeto de renovação educacional do país. Além de constatar a desorganização do aparelho escolar, propunha que o Estado organizasse um plano geral de educação e defendia a bandeira de uma escola única, pública, laica, obrigatória e gratuita. O movimento reformador foi alvo da crítica forte e continuada da Igreja Católica, que naquela conjuntura era

> forte concorrente do Estado na expectativa de educar a população, e tinha sob seu controle a propriedade e a orientação de parcela expressiva das escolas da rede privada.[27]

Entre os muitos aspectos revolucionários e evolutivos teorizados e apontados pelo documento, e que refletiam a nova visão de ensino que nosso país teimava em ignorar até então, estava a concepção da unidade social da educação:

> /.../ A tradição das hierarquias docentes, baseadas na diferenciação dos graus de ensino, e que a linguagem fixou em denominações diferentes (mestre, professor e catedrático), é inteiramente contrária ao princípio da unidade da função educacional, que, aplicado, às funções docentes, importa na incorporação dos estudos do magistério às universidades, e, portanto, na libertação espiritual e econômica do professor, mediante uma formação e remuneração equivalentes que lhe permitam manter, com a eficiência no trabalho, a dignidade e o prestígio indispensáveis aos educadores.[28]

Ainda sobre esse aspecto, que é o mais denso e controverso (por absurdo que pareça, mas desde antes nossos governos não parecem entender na prática a necessidade da educação de qualidade, acessível a todos, para que o país dê certo), escreve a professora e poeta Lenita Ferreira:

> O documento de 1932, assinado por 26 intelectuais brasileiros, traz muitas contribuições acerca das concepções de educação, principalmente a pública, propondo diretrizes para uma reforma educacional brasileira em todos os níveis de ensino. A defesa é por uma escola única, pública, gratuita, laica e obrigatória. O Manifesto surge no bojo da Escola Nova, mas traz em si diversas vertentes, posto que é concebido coletivamente e, como tal, ecoa vozes que destoam em muitos momentos. Mas sua importância reverbera nos dias de hoje, sendo inspirador para as políticas e legislações educacionais nacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional – LDBEN, de 1996; os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN; o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB, entre outros.

/.../ Não se trata de qualquer educação. Diz respeito à educação integral do indivíduo, entendida como direito. Este é um dos pressupostos da Escola Nova, que no Manifesto aparece com muita força em contraposição à educação tradicional, fragmentada em sua forma de conceber os conhecimentos e processos educacionais. O que está em jogo é a preparação para a vida, com base nos valores humanos.

/.../ Tal educação, na perspectiva dos pioneiros, não pode ser privilégio de uma elite econômica, mas sim ser um princípio igualitário, extensivo a todos.[29]

Uma das signatárias, Cecília Meireles, ao lado de sua atividade de poeta, atuou como professora, tendo escrito artigos que foram reunidos em alentados volumes sobre o tema. É ela quem observa:

> Quando, da minha janela, eu vejo os meninos da vizinhança subirem e descerem de árvores, e brandirem ramos de árvore como armas poderosas, e servirem, ao mesmo tempo, de atores e encenadores, representando a sua parte e ensinando aos outros /.../ eu não estou entendendo muito bem o espetáculo, mas os atores estão profundamente interessados. Eles fazem a peça, representam-na, assistem-na e fazem a crítica. /.../ E recomeçam, e continuam, incluindo na representação cantigas e danças, festas e mortes, coisas reais e de sonho, o natural e o sobrenatural.[30]

Atualmente, para que um cidadão possa realmente ser útil, é preciso que ele participe, na verdade, desde a sua mais tenra infância, da construção da Inteligência coletiva, que é um novo paradigma de conhecimento, não mais autoral, emanando de uma fonte única, mas construído em agenciamentos plurais de vários indivíduos, como em uma página da internet, em que todos têm voz, e podem se colocar, e o resultado que gera é um somatório

do que todos puseram ali.

Por exemplo: a vacina eficaz contra a poliomielite foi inventada pelo Dr. Albert Sabin, no ano de 1961.

Já o genoma humano envolveu um esforço mundial, por uma década, de milhares de cientistas conectados dia e noite:

> O projeto foi fundado em 1990, por Edma Nogueira com prazo de conclusão de 15 anos para o mundo **insecta**. James D. Watson, na época chefe dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, assumiu inicialmente a direção do projeto.
>
> Em 1990, o PGH tinha o envolvimento de mais de 5000 cientistas, de 250 diferentes laboratórios, que contavam com um orçamento, segundo diferentes fontes, que variou de US$ 3 bilhões a US$ 53 bilhões. O PGH contou com um financiamento de 3 milhões de dólares do Departamento de Energia dos Estados Unidos e do NIH estadunidense. O Projeto contou com o envolvimento de diversos laboratórios e centros de pesquisa ao redor do mundo, criando dessa forma o Consórcio Internacional de Sequenciamento do Genoma Humano. Este consórcio publicou um esboço inicial na revista científica Nature em fevereiro de 2001 com cobertura de cerca de 90 por cento do genoma.
>
> No dia 10 de julho de 1999 foi anunciado o primeiro rascunho do genoma humano. Como a precisão do resultado precisava ser máxima, muita análise e revisão foram feitas de modo que cada base no genoma fosse sequenciada num total de 10 a 12 vezes.
>
> Em 14 de abril de 2003, um comunicado de imprensa conjunto anunciou que o projeto fora concluído com sucesso, com a sequenciação (no Brasil, sequenciamento) de 99% do genoma humano com uma precisão de 99,99%.[31]

Para poder se ligar às várias práticas cotidianas com as quais tem que lidar, a pessoa precisa estar sempre se aprimorando, apreendendo novas técnicas e novas ideias.

E essa é basicamente a lição mais importante que a escola pode ensinar aos novos educandos: a inteligência é coletiva, o

saber é construído em grupo, e todo saber precisa ser reprocessado, com novas informações que surgem a todo momento.

É preciso construir uma nova relação dialógica, em que o sujeito se entenda como provocador, ativo e produtor do seu conhecimento, e não cobre mais do professor que lhe dê "tudo de bandeja" ou o avalie conforme sua conformação a um suposto modelo de discurso preestabelecido como esperado numa demanda passiva e submissa do que seja o aprendizado.

Como diz Gabriele Greggersen:

> Note-se que esse professor, além de não ter consciência do poder implicado nas palavras, cometeu alguns erros gravíssimos, indicadores de uma postura equivocada diante da linguagem e que refletem fielmente uma postura diante do conhecimento e da educação. Primeiro: "Hoje eu ensinarei...". Pergunta-se, até que ponto o professor pode reivindicar para si ser o sujeito exclusivamente responsável pelo ensino e sobre o tempo necessário para a aprendizagem? Outra questão chave é saber se é possível sequer determinar o momento exato do ensino.[32]

Vivemos voltados para o tempo que foi, em grande parte: a humanidade é uma só, dentro da sua grande variedade, quase que infinitesimal diversidade étnica, que quer dizer, em todos os sentidos, cultural. Como o demonstra e prova o Projeto Genoma.

A humanidade não tem raças, não há diferenças genéticas que gerem raças diferentes, são etnias, que na verdade expressam culturas diversas, cada uma ligada às inúmeras riquezas dos seus falares e consequentes modos de ver.

Deveríamos aprender com os antigos povos dos cinco cantos do mundo, vindo dos mestres chineses, pela *paideia* grega, até chegar nos nossos povos autóctones das Américas[33], com quem temos muito que aprender, e que deveríamos começar a ouvir, de novo, agora e sempre.

A nossa é uma sociedade em mutação, o que exige que a escola

se modifique, pois ela nasceu e se desenvolveu em uma outra realidade, que, de várias e complexas formas, era muito diferente. Talvez já tenha feito sentido que o saber fosse transmitido, que fosse considerado centralizado, e assim agisse o educador. O resultado prático dessa estratégia, o aluno que era educado de tal maneira, servia à sociedade da sua época, nos aspectos econômicos, políticos, sociais etc.

A moda do construtivismo, que dá a tônica de todos os discursos ou simpósios sobre educação, e até dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), criados pelo governo para orientar os ensinos fundamental e médio em nosso país[34], mascara dois fenômenos absurdamente congruentes: o desconhecimento prático da maior parte do professorado, sobre como adotá-lo, e a falta de recursos proporcionada pelas instituições e governos, para fazê-lo.

Podemos ler na **Revista Nova Escola**, no número de março de 1995, as "50 questões básicas sobre Construtivismo", que cito em parte, porém, recomendo na íntegra, e que podem e devem ser consultadas na página *on line*, cuja referência dou na nota:

> **1 – O que é o construtivismo?**
>
> É o nome pelo qual se tomou conhecida uma nova linha pedagógica que vem ganhando terreno nas salas de aula há pouco mais de uma década. As maiores autoridades do construtivismo, contudo, não costumam admitir que se trate de uma pedagogia ou método de ensino, por ser um campo de estudo ainda recente, cujas práticas, salvo no caso da alfabetização, ainda requerem tempo para amadurecimento e sistematização.
>
> **2 – Em que se distingue a pedagogia construtivista, em linhas gerais?**
>
> O construtivismo propõe que o aluno participe ativamente do próprio aprendizado, mediante a experimentação, a pesquisa em grupo, o estímulo à dúvida e o desenvolvimento do raciocínio, entre outros procedimentos. Rejeita a apresentação de conhecimentos prontos ao estudante, como um prato feito, e utiliza de

modo inovador técnicas tradicionais como, por exemplo, a memorização. Daí o termo "construtivismo", pelo qual se procura indicar que uma pessoa aprende melhor quando toma parte de forma direta na construção do conhecimento que adquire. O construtivismo enfatiza a importância do erro não como um tropeço, mas como um trampolim na rota da aprendizagem. O construtivismo condena a rigidez nos procedimentos de ensino, as avaliações padronizadas e a utilização de material didático demasiadamente estranho ao universo pessoal do aluno.

3 – Com base em que o construtivismo adota tais praticas?

Com base nos estudos do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), a maior autoridade do século sobre o processo de funcionamento da inteligência e de aquisição do conhecimento. Piaget demonstrou que a criança raciocina segundo estruturas lógicas próprias, que evoluem conforme faixas etárias definidas, e são diferentes da lógica madura do adulto. Por exemplo: se uma criança de 4 ou 5 anos transforma uma bolinha de massa em salsicha, ela conclui que a salsicha, por ser comprida, contém mais massa do que a bolinha. Não se trata de um erro, como se julgava antes de Piaget, mas de um raciocínio apropriado a essa faixa etária. O construtivismo procura desenvolver práticas pedagógicas sob medida para cada degrau de amadurecimento intelectual da criança.

4 – Piaget criou o construtivismo?

Nada mais falso. Ao contrário do que muitos imaginam, ele nunca se preocupou em formular uma pedagogia: dedicou a vida a investigar os processos da inteligência. Outros especialistas é que se valeram das suas descobertas para desenvolver propostas pedagógicas inovadoras.

5 – De onde vem, então, o construtivismo?

Quem adotou e tornou conhecida a expressão foi uma aluna e colaboradora de Piaget, a psicóloga Emilia Ferreiro, nascida na Argentina em 1936 e que atualmente mora no México. Partindo da teoria do mestre, ela pesquisou a fundo, e especificamente, o processo intelectual pelo qual as crianças aprendem a ler e a escrever, batizando de construtivismo sua própria teoria.

6 – Então é ela a autora da pedagogia construtivista?

Não. A exemplo de Piaget, Emilia se limitou a desenvolver uma teoria científica. Outros especialistas é que vêm utilizando suas descobertas, assim como as de Piaget, para formular novas propostas pedagógicas. No começo, o nome construtivismo se aplicava só à teoria de Emilia. Com o tempo, passaram a ser chamadas de construtivistas as novas propostas pedagógicas inspiradas em sua teoria, a própria teoria de Piaget e até mesmo pedagogias anteriores, porém compatíveis, como a do educador soviético Lev Vvgotsky (1896-1934).[35]

Em seu livro *Inteligência plena*, Robert J. Sternberg e Elena L. Grigorenko propõem a teoria de que a inteligência plena é o conjunto integrado das capacidades necessárias para o indivíduo obter sucesso na vida, independentemente de como o defina, em seu contexto sociocultural.[36]

Segundo os autores, as pessoas são plenamente inteligentes quando reconhecem suas forças e aproveitam-nas ao máximo, ao mesmo tempo em que reconhecem suas fraquezas e descobrem maneiras de corrigi-las ou de compensá-las. As pessoas plenamente inteligentes se adaptam a, modificam e selecionam ambientes por meio do emprego equilibrado das capacidades analíticas, criativas e práticas.

Dizem ainda que a inteligência emocional é tão fundamental (ou mais) quanto a inteligência cognitiva, para o indivíduo se sair bem na vida. Elementos da inteligência emocional bem desenvolvida são: o autocontrole, o zelo, a persistência, a capacidade de automotivação, saber ouvir, resolver conflitos e cooperar.

Para desenvolver a estratégia de aplicação dos propósitos, por eles proposta, precisamos levar em conta vários fatores, entre os quais, o fato de que aprender depende de querer aprender. Por isto é tão importante motivar o aluno a produzir.

É preciso encontrar o seu próprio caminho para fazer as coisas, pois cada um tem as suas próprias forças, que deve aprender a

aproveitar, e as suas próprias fraquezas, que pode aprender a compensar.

Também é necessário saber se adaptar às várias demandas, situações e ambientes, e saber encontrar um equilíbrio e um discernimento quanto às horas de se adaptar, modificar e selecionar.

Segundo meu ponto de vista, Pierre Lévy é o filósofo francês que mais trabalha atualmente esta questão da inteligência como adaptação e evolução, abertura para a modificação, conforme podemos ver neste texto:

> Quanto mais a consciência está acordada, mais ela é livre, mais ela discerne virtualidades no que se oferece à sua contemplação e mais ela engendra um mundo rico e vivo. Toda a história cósmica é uma exploração das virtualidades presentes na origem. Toda a história cósmica é criação e ela continua a ser criação. Essa história é orientada, possui um sentido claramente discernível, o de uma intensificação do caráter virtual do mundo: do mineral ao vivo, do vivo ao portador de cérebro, do cérebro animal ao cérebro humano atravessado pela linguagem, produtor de cultura, fabricante de ferramentas. A cada etapa, o campo das virtualidades aumenta, se faz cada vez mais disponível. As virtualidades se atualizam cada vez mais rapidamente. As fronteiras do mundo se tornam mais permeáveis, maleáveis, interativas, elas borbulham em todos os sentidos. A evolução cósmica e cultural culmina hoje no mundo virtual do ciberespaço.[37]

Outro pensador que considero importante numa nova visão da educação é Edgar Morin, que no seu livro *Os sete saberes necessários à educação do futuro* (texto escrito com apoio e a pedido da UNESCO, dentro do projeto transdisciplinar "Educar para um futuro viável") considera que os princípios que devem nortear a educação atual são:

I. Tornar o aluno consciente a respeito das cegueiras do conhecimento: a ilusão e o erro – o filósofo comenta que a necessidade primeira é desenvolver o conhecimento do

conhecimento, “armar cada mente no combate vital rumo à lucidez”.

II. Os princípios do conhecimento pertinente – isto é, o conhecimento de problemas globais e fundamentais, não fragmentado, que mostre o vínculo entre as partes e a totalidade, o contexto, a complexidade, o conjunto.

III. Ensinar a condição humana – mostrar que as disciplinas se integram, não há separação entre os aspectos físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico do ser humano.

IV. Ensinar a identidade terrena – os homens têm um destino planetário, possuem uma identidade terrena, partilham um destino global comum.

V. Enfrentar as incertezas – as ciências produziram muitas certezas e muitas zonas de incertezas, e a educação pode mostrar ao aluno essas incertezas, como parte integrante e importante do processo de conhecimento do homem.

VI. Ensinar a compreensão – a compreensão é a meta e a motivação de toda comunicação humana, e deve ser ensinada, para superar preconceitos.

VII. A ética do gênero humano – o ser humano é, ao mesmo tempo, indivíduo, sociedade e espécie, isto é, possui um caráter ternário que a educação deve levar em conta, para conduzir o aluno a uma “antropo-ética”, que gera uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos, isto é, a democracia; e o direito à cidadania terrestre.[38]

Mesmo que sendo um “tigre de papel”, é importante citar e saber que o QI (Quoeficiente de Inteligência, criado por Alfred Binet) não representa o todo da inteligência, e não se relaciona de forma direta com o sucesso pessoal e profissional, pois somente mede a capacidade de aproveitar as informações que o aluno pode aprender na escola, isto é, está ligado apenas ao âmbito analítico da inteligência.

Howard Gardner nos mostra que há na verdade oito inteligências, que podem ser desenvolvidas em conjunto ou separadamente: linguística, lógico-matemática, espacial, musical,

corporal-sinestésica, inteligências pessoais, naturalista e existencial.[39]

Isso segundo ele, na verdade eu penso que a inteligência é Proteu, que toma qualquer forma.

O poema de Eliane Colchete, que coloco na abertura desta obra, ou melhor, o seu trecho de conto em prosa poética, do livro *Contos da musa irada*, realiza e relata, ao mesmo tempo (o texto mostra o processo acontecendo, quando se refere a ele), a percepção de que a mente trabalha com redes neurais abertas, que podem se conectar livremente[40], como um rizoma[41], e que criam realidades todo o tempo, sem obedecer a modelos pré-estabelecidos, mesmo que o homem tente se iludir de que o faça, e pretenda produzir uma educação de reprodução. Como a mente humana é o tempo todo aberta e criativa, é apenas sendo criativa e aberta que a educação será digna dos seres humanos, de verdade.

Que fique bem claro o que estou dizendo: a autoeducação não se restringe ao EaD.

Toda forma de educação é sempre e necessariamente autoeducação.

21 TESES SOBRE O IMPÉRIO NO SÉCULO 21

1) Vivemos em um Império Fascista Planetário.

2) Provam-no: o domínio dos pensamentos e discursos feitos pela mídia toda igual, planetária, e pelo uso obrigatório dessa mesma mídia para que a pessoa possa fazer qualquer coisa em sociedade. Então: só usa a mídia se pensar assim, se usar a mídia vai ter que pensar assim (ela formata as mentes, é o único modo de se usar tv e net, por exemplo, não há como), você só será um cidadão se a usar, o tempo todo.

3) Prova-o, também, a não aceitação total, pura e simples de espaços de pensamento e modos de vida diferentes.

4) A maior causa mortis de crianças ser diarreia e fome, na África; os três quartos da pirâmide populacional na miséria total (comem fezes de animais e outras porcarias assim, por desespero da fome); o teste de produtos, alimentos e remédios em populações "periféricas", bem como de armas químicas e biológicas (em relativo segredo), causando genocídios, principalmente na África. O raciocínio e a prática dos laboratórios transnacionais é que: testam em ratos e macacos; a bioquímica humana não é exatamente igual; testam em povos "periféricos"; não haverá denúncia ou reação a essa testagem. Um exemplo foi o caso da talidomida, testada em mulheres grávidas, na América Latina; e depois proibida, aqui e no resto do mundo.

5) A imposição de um modo de vida muito específico de uma cultura sobre todo o planeta, o absoluto desprezo por todos os milhares de outras culturas, expresso nos conceitos de "terceiro mundo", "periferia", "economia complementar", "conflito norte-sul", "índio", "mestiço", "negro", "latino", "árabe", "oriental" etc.

6) A manipulação, detenção e uso sabido, denunciado, reconhecido, nunca negado, e assumido (nem se pensa em coibir

tal prática) de informações de todo o tipo, sobre toda a população (a nível individual) e governos, armazenada, controlada e utilizada por parte de um único "governo", que controla a ONU, age contrariamente a suas resoluções, sem ser importunado por isso, está provocando o desastre ecológico, invade a nação que quer com as desculpas mais esfarrapadas, e é o grande produtor e armazenador de material bélico, armas químicas, biológicas, bombas A, H, N e outras armas secretas do planeta.

7) A detenção por algumas nações da capacidade de destruição do planeta, sem que isso seja questionado, nem chegue mais a incomodar; a acomodação das pessoas diante do fato, e a banalização desse fato.

8) Se o fascismo na sua forma mais sutil e potencializada não tivesse ganhado a segunda guerra mundial, não se teria acolhido com tanta "naturalidade" o mais cruel e indiscriminado ato de destruição em massa das populações de duas cidades inteiras (Hiroshima e Nagasaki, no Japão), ação totalmente desnecessária em termos da guerra que se travava (já ganha pelos Aliados), e de cuja irresponsabilidade genocida seu fautor, os EUA não foram acusados nem julgados.

9) O Império Fascista Planetário (que chamarei nas teses de IFP) adota nomes-fantasia totalmente cínicos, pois representam o que ele está mais longe de ser, como "democracia", "república" e "liberalismo".

10) O próprio nome capitalismo é uma apropriação, pois o controle total não permite verdadeira mobilidade social, nem a disposição da própria força física para obter capital, não basta ter um corpo e produzir para se alimentar, é preciso ser referendado pelos "donos do planeta" e pelas empresas "donas dos países".

11) Vários pensadores atuais propuseram a designação "império"[42], que é boa por um lado, mas não chega a dar conta do horror nazista em que vivemos. Não é só que as empresas e o governo norte-americano como seu lacaio dominem as comunicações e produções do planeta, é também que não há

espaço para plantar alface no quintal, ser poeta alternativo ou pensar diferente.

12) O IFP tem como uma das suas armas mais importantes a produção dos clones semióticos, sendo os principais mecanismos para sua criação a mídia, as empresas e as escolas.

13) À grande estratégia integradora e difusora de táticas de dominação mental e física chamo de "mercadologia", que traduz a expressão "marketing", a qual significa a mesma coisa, porém, cai dentro da armadilha de fetichização de palavras e imagens, que é a principal estratégia da mercadologia global (mercadologia seria a tática de integração de estratégicas para o sucesso – isto é, maior lucro – das empresas no mercado; não deixa de ser, mas somente como uma das táticas básicas para a grande mercadologia planetária, que é aquilo que aqui expliquei).

14) O fetichismo (dar valor transcendental a uma "coisa") é sempre de palavras e imagens. Não se comem coisas. Principalmente, no IFP. O materialismo é a mais imbecil e fetichista das imposições subjetivacionais do IFP. Isso faz com que, mais do que numa "sociedade do espetáculo"[43], vivamos hoje numa "sociedade da propaganda".

15) Por julgar a tudo jorros de matéria, e a si mesmo parte desse jorro, abandona-se a grade constritiva das superstições antigas em prol do chip de controle mental da entronização da coisa, da matéria, da mercadoria como ser, como se fosse aquilo que gera tudo.

16) Como consequência da visão irracional da coisa como ser, gera-se o único misticismo praticado, aprovado, entronizado e não censurado (ou perseguido): a adoração do capital, por si mesmo, não entendido como meio de comunicação e trocas, o que ele realmente é, mas como uma entidade divina transcendental diante do qual todos devem se dobrar e obedecer.

17) Para ter acesso ao único "deus" do IFP a pessoa deve ser capaz de "pensar", fazer e dizer qualquer coisa que lhe se seja exigida, gerando o esvaziamento do sentido, a esquizofrenia e a ausência de valores estáveis.

18) Uma prática que o IFP tolera, pela coerência dos jogos de mercadologia, é a Educação. Por isso, ela se torna uma das possibilidades reais e mais fortes de mudança, na busca de uma real sociedade democrática.

19) A outra prática que consegue, às vezes, tirar as suas produções do contínuo de produção/consumo (autoprodução e autoconsumo subjetivados fetichistas) fascista e criar liberdade de pensamento e vivência para os seres humanos é a Arte.

20) A tentativa de burocratizar a Arte e a Educação é no intuito de emburrecê-las e torná-las ineficazes. Cumpre lutar contra o embrutecimento da Arte e a burocratização e automatização da Educação, propostos pelos autoritários e criptoburocratas (nota, frequência, matéria dada, provas etc.).

21) Arte e Educação devem se unir como as grandes possibilidades que temos de produzir um mundo mais belo e livre.

Inconclusão

Falemos mais ainda sobre o filme do carrinho vermelho, porque: é engraçado, os atores são ótimos, porém ele é profundamente e injustamente preconceituoso.

Quando eu declaro que o importante é a autonomia do pensamento do professor e trabalhar junto ao aluno para que ele seja autônomo também, seja de instrumentos, seja de instrutores, para que ele construa o seu próprio conhecimento, seja sujeito, presencialmente ou no EAD, é essa a minha discordância, do filme, se o olharmos como metáfora de nós mesmos (estudantes, professores, brasileiros, latino-americanos, terráqueos...).

Somos plurais, nossos estudantes também, esse é um dos problemas dos rótulos; mas há mais, claro.

O foco está na relação entre as pessoas que aprendem juntas, e no pensamento que eles constroem, quero dizer, que podem construir, utilizando qualquer mídia; certo que todo enriquecimento é bem vindo, mas a questão está na atitude indagadora e na construção do conhecimento, digamos, é necessário que o ato venha de dentro para fora, e não o oposto.

O professor tem uma dupla acepção.

Por um lado, sua face reativa, o que pode ser também bom e saudável: ele reproduz capacidades e grandezas culturais ao ajudar as pessoas a se apropriarem delas, a cada geração.

E, ao mesmo tempo, a sua face ativa: ele é um elemento que induz ao pensamento, isto é, à criação pura, que recria a cultura, além de transmiti-la.

A metanoia do profissional de educação (a que ele intenta, e, de repente, produz, no aluno, e em si, o seu mais constante estudante) pode ser no sentido de seu papel como transmissor da cultura, ou como gerador de criatividade, ou os dois.

Aí ele pode melhor usar qualquer carro, ou nave espacial, sabendo-se que as marcas cobiçadas de um ano tornam-se calhambeques no ano que vem, mas que o pensamento é sempre vivo, e pode transformar tudo.

Notas

[1] COLCHETE, Eliane. *Contos da Musa Irada*, Rio de Janeiro: Quártica, 2011, p. 98.
[2] *BMW Vermelho* (Brasil, 2000, direção de Edu Ramos e Reinaldo Pinheiro, elenco: Denise Weinberg, Gabriel Priolli, Otávio Augusto, duração: 19 min., Melhor Direção de Arte no Festival de Gramado 2000, Festival Internacional de Curtas de São Paulo 2000), que pode ser assistido nos links: http://www.youtube.com/watch?v=F2jcPjYTVdA&feature=fvwrel, http://www.youtube.com/watch?v=ONuRmPxak2U&feature=related, http://www.youtube.com/watch?v=gbPSe1OjjRw&feature=related.
[3] "Essa é a palingenisia, o novo nascimento, agora como corpo de luz, aquilo que os cristãos chamam de "metanoia" (Romanos, 12:2), a que Paulo de Tarso alude quando diz: "eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17)". MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Alquimia o Arquimagistério Solar. Alchimia seu Archimagisterium Solis in V* libris ab Ludovicus Carolus Morales Junior. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2013, p. 77.
[4] NIETZSCHE, Friedrich. "Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino", **in** *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC; São Paulo: Loyola, 2003, p. 97.
[5] THOSI, Aline, em entrevista concedida a mim, no programa **No Tempo do Rádio a Lenha** 6: Novos Escritores 1: Aline Thosi e Rafael Ottati, 02/07/2012 http://yourlisten.com/lui.morais/no-tempo-do-radio-a-lenha-6.
[6] Ver MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*; suas origens, transformações e perspectivas. 3 ed. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo : Martins, 1991. Em especial o capítulo : «Santuário, aldeia e fortaleza », p. 9-36
[7] ASHBY, W. Ross. *Uma introdução à cibernética*. Coleção Estudos. São Paulo : Perspectiva, 1970.
[8] Ver LEROI-GOURHAN, André. *Le geste et la parole*. 2 vol : *1 - Techniques et langage* e *2 - La memoire et les rythmes*. Paris : Albin Michel, 1964, **passim**. A leitura é minha.
[9] Minha leitura muito pessoal de LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*; o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1993, **passim**.
[10] Ver, por exemplo, o bom trabalho MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRA, Amélia Escotto do Amaral (org.). *Letramento significados e tendências*. Rio de Janeiro: WAK, 2004.
[11] BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*; o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Loyola, 2007, p 139.
[12] "Animais , eles também têm cultura. Novas revelações da ciência sobre o comportamento dos animais estão ajudando a derrubar uma das últimas barreiras

que distinguia o homem das outras espécies",
por Rodrigo Cavalcante e Rodrigo Maroja, **in Superinteressante**, agosto de 2002, http://super.abril.com.br/mundo-animal/animais-eles-tambem-tem-cultura-443265.shtml

[13] DUMAS, Alexandre. *Os três mosqueteiros*. Trad. André Telles e Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Leia o livro, é muito mais legal que qualquer versão do cinema.

[14] Resposta ao poema "Professor", de Carlos Drummond de Andrade: "O professor disserta/Sobre ponto difícil do programa./Um aluno dorme,/ Cansado das canseiras desta vida./O professor vai sacudi-lo?/Vai repreendê-lo?/Não./O professor baixa a voz/Com medo de acordá-lo/", **in** ELIASQUEVICI, Marianne Kogut; FONSECA, Narazé Araújo da. *Educação a distância*: orientações para o início de um percurso. 2 ed. Belém: EDUFPA, 2009, p. 7.

[15] Ver MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de; HILTON, Carlos. *Os que ouvem mais que nós*. Rio de Janeiro: Litteris, 2013, ver tb http://otodosdainclusao.blogspot.com.br/.

[16] CURY, Augusto. *O código da inteligência e a excelência emocional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, Thomas Nelson, 2010, p. 21.

[17] "Falta interatividade", entrevista com o sociólogo Marcelo Silva Publicado originalmente na Carta Escola, disponível em http://envolverde.com.br/educacao/entrevista-educacao/falta-interatividade/, acessado no dia 20/08/2012, às 15 horas.

[18] "Uma **madraçal**, também grafada **madraça** e **madrassa**, é uma palavra de origem árabe que originalmente designava qualquer tipo de escola, secular ou religiosa (de qualquer religião), pública ou privada.
No Ocidente é comum ver o vocábulo associado para se referir a escolas religiosas islâmicas, também denominadas *escolas corânicas*", **in** http://pt.wikipedia.org/wiki/Madra%C3%A7al

[19] Ver maiores definições em Infoescola http://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao/

[20] BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 5 ed, revista. Rio de Janeiro: José Olympio 1969.
______. *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

[21] http://institutouniversal.com.br/

[22] SILVA, Marco, "Interatividade na educação", acessado em http://www.youtube.com/watch?v=ShRODbkFIJ0&feature=autoplay&list=ULS7uUd6afEYE&playnext=1

[23] FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 6 ed. Trad. Ligia M. Pomdé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1988.

[24] ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. "Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem", *in Educação*

e Pesquisa. São Paulo: v.29, n.2, p. 327-340, jul./dez. 2003, p. 331, disponível em http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n2/a10v29n2.pdf
[25] ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas. Ficção completa*. Vol 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009, p. 201-2.
[26] LUZURIAGA, Lourenzo. *História da educação e da pedagogia.* Trad. Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973, p. 248-9.
[27] Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_dos_Pioneiros_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_Nova. Assinaram o manifesto Fernando de Azevedo, Afranio Peixoto, A. de Sampaio Doria, Anísio Spinola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessôa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venancio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes.
[28] Excerto do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), A Reconstrução Educacional no Brasil - ao povo e ao governo, que pode ser lido na íntegra no site: "Pedagogia em foco", **in** http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb07a.htm.
[29] FERREIRA, Lenita dos Santos. "O público e o privado na educação", trabalho de mestrado, UNIRIO, CCH, PPGEDU, 2013-1.
[30] MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. 5 vol. Vol. 5. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001, pp. 76-7.
[31] http://pt.wikipedia.org/wiki/Projeto_Genoma_Humano
[32] GREGGERSEN, Gabriele. "Traduzindo esforços: educação e linguagem rumo ao século XXI", 20 de agosto de 1999, in http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF%2009.html
[33] Ver MARÍN, Guillermo. *Pedagogía tolteca*, Filosofía de la educación en el México antiguo. Edição eletrônica, 2009, **in** http://es.wikisource.org/wiki/Pedagog%C3%ADa_Tolteca: "Si la civilización del Anáhuac tuvo durante por lo menos tres mil años, un sistema educativo, necesariamente aquellos que un día inventaron el maíz, el cero matemático o la cuenta perfecta del tiempo, ineludiblemente tenían que tener un profundo y decantado sentido filosófico sobre la educación. El concepto tlacahuapahualiztli, que significa 'el arte de criar y educar a los hombres', nos habla de este profundo legado cultural del Anáhuac. Este sentido partía de la concepción del ser humano, principio y fin de la educación. El ser humano era creación divina, perfectible y en constante evolución. Los dioses en Teotihuacán se sacrificaron por ellos y su mundo. Se vivía en el Quinto Sol, que había sido precedido de cuatro Soles anteriores, que en sucesivas creaciones-destrucciones, siempre tenían al ser humano, su alimento y su sociedad, en un proceso de evolución constante". V. tb "Cremos e praticamos o

antigo conceito tolteca de aprendizagem chamado *nimomashtic*, que, literalmente, significa *ensinar-se*", **in** SÁNCHEZ, Víctor. *El camino tolteca de la recapitulación*; sanando tu pasado para liberar tu alma. México: Lectorum, 2003, "Apéndice B: Oportunidades para crecer juntos: los talleres AVP" (El Arte de Vivir a Propósito), p. 261.

[34] *Parâmetros Curriculares Nacionais* PCN. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997.
Parâmetros Curriculares Nacionais PCN. Ensino Médio. Brasília : MEC/SEF, 1999.
[35] "50 questões básicas sobre Construtivismo", **Revista Nova Escola**, março de 1995, http://www.ufpa.br/eduquim/construtquestoes.htm
[36] STERNBERG, Robert J.; GRIGORENKO, Elena L. *Inteligência plena*; ensinando e incentivando a aprendizagem e a realização dos alunos. Trad. Maria Thereza Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2003.
[37] LÉYY, Pierre. *A Conexão planetária*: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: 34, 2001, p. 139.
[38] MORIN, Edgar. *Os Sete saberes necessários à educação do futuro*. 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003, adaptado e interpretado, **passim**.
[39] GARDNER, Howard. *Estruturas da mente - a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
_______. *Inteligências múltiplas - a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.
[40] PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Dos caos à inteligência artificial*. Entrevistas, Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo, UNESP, 1993, **passim**.
[41] Ver DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. "Introdução ao rizoma", **in** *Mil platôs*. Vol 1. 2 ed. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: 34, 2011, p. 17-49.
[42] E. g.: AVRITZER, Leonardo. *Globalização e espaços públicos: a não regulação como estratégia de hegemonia global*. Revista Crítica de Ciências Sociais N° 63. Coimbra: CES, 2002. BELLO, Walden. *The Future in the Balance: Essays on Globalization and Resistence*. Oakland: Food First Books, 2001. BOBBIO, Norberto. *Ensaios sobre Gramsci e o conceito de Sociedade Civil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. BORON, Atílio. *Imperio & imperialismo: una lectura critica de Michael Hardt y Antonio Negri*. Buenos Aires: Clacso, 2002. CANCLINI, Nestor Garcia. *La Globalización imaginada*. Buenos Aires: Paidos, 1999. CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996. GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991. GÓMEZ, José María. Globalização da política: Mitos, realidades e dilemas. In GENTILI, Pablo. *Globalização Excludente – Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial*. Petrópolis: Vozes, 1999. HARDT, Michael. & NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001. HELD, David. *A democracia, o Estado-nação e o sistema global*. Lua Nova. São Paulo:
CEDEC, 1991. HIRST, Paul. & THOMPSON, Grahame. *Globalização em questão*.

Petrópolis: Vozes, 2001. HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
HOLLOWAY, John. *Cambiar el mundo sin tomar el poder*. Buenos Aires: Hierramienta, 2002. KALDOR, Mary. *Global civil society.* Cambridge: Polity Press, 2003. LENIN, Vladimir Ilytch. *Imperialismo, etapa superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1979. PUREZA, José Manuel. Para um internacionalismo pós-vestefaliano. In: SANTOS, B. S. (ORG.) *Globalização – fatalidade ou utopia?* Porto: Ed. Afrontamento, 2001, pp. 233-254. REIS, Fábio Wanderley. Cidadania, Mercado e Sociedade Civil. In: MITRE, Antonio
Fernando. *Ensaios de Teoria e Filosofia Política em homenagem ao prof. Carlos Eduardo Baesse de Souza.*Belo Horizonte: DCP/FAFICH/UFMG, 1994. ROBERTSON, Roland. *Globalização: teoria social e cultura global.* Petrópolis: Vozes, 1999. TADDEI, E. & SEOANE, J. (ORGS.) *Resistências Mundiais de Seattle a Porto Alegre*. Petrópolis: Vozes, 2001. SADER, Emir. *Os porquês da desordem mundial – mestres explicam a globalização.* Rio de Janeiro: Record, 2004. SANTOS, Boaventura Sousa. *Globalização e Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2000. SARAMAGO, José. *Carta lida no encerramento do II Fórum Social Mundial 2002*. <http:// www.espacoacademico.com.br/010/10saramago.htm> WALLERSTEIN, Immanuel. *Geo-politics and Geo-culture*. Cambridge: University Press, 1991.
WHITAKER, Francisco. *O desafio do Fórum Social Mundial – um modo de ver*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
[43] DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas , 2005.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Antonio Luiz Mendes de. *Educação sem rótulos*; a meta abandonada. Rio de Janeiro: Quórum, 2000.

ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo (org.). *Espaços e imagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

AMADO, Gilles e GUITTET, André. *A dinâmica da comunicação nos grupos*. Trad. Analúcia T. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*; o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BARTOLOMEIS, Francesco. *Avaliação e orientação*; objetivos, instrumentos, métodos. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. 8 ed. São Paulo: Ática, 2001.

BORDENAVE, Juan Díaz e PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 10 ed. Petrópolis: Ed. Vozes1988.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire*. 17 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

BURNIAUX, Jeanne. *O sucesso escolar*. 2 ed. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

COLCHETE, Eliane. *Contos do espelho*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *Contos da musa irada*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *Filosofia, Ceticismo e Religião - com um estudo sobre Diógenes Laércio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2013.

______. *O Pós-moderno: Poder, Linguagem e História*. Rio de Janeiro, Quártica, 2013.

COSTA, Maria Luiza Andreozzi da. *Piaget e a intervenção psicodedagógica*. São Paulo: Olho d'água, 2003.

CUNHA, M. I. *O bom professor e sua prática*. Campinas: Papirus, 1994.

CURY, Augusto. *O código da inteligência e a excelência emocional*. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, Thomas Nelson, 2010.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Trad. Francisco Alves e Afonso Monteiro. Lisboa: Edições Antipáticas , 2005.

DUMAS, Alexandre. *Os três mosqueteiros*. Trad. André Telles e Rodrigo Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, M. D. C. *Pedagogia Freinet - teoria e prática*. São Paulo: Papirus, 2000.

ELIASQUEVICI, Marianne Kogut; FONSECA, Narazé Araújo da. *Educação a distância*: orientações para o início de um percurso. 2 ed. Belém: EDUFPA, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

______. *A importância do ato de ler*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

______. *Ação cultural para a liberdade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 6 ed. Trad. Ligia M. Pomdé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1988.

FURLANI, L. M. T. *Autoridade do professor: meta, mito, nada disso?* São Paulo: Cortez, 1991.

GADOTTI, Moacir. *A boniteza de um sonho*. Série Práticas Educativas. Editora Positivo.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente - a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_______. *Inteligências múltiplas - a teoria na prática*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GRUZINKSKI, Serge. *A guerra das imagens*; de Cristóvão Colombo a *Blade runner* (1492-2019). Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. 5 ed, revista. Rio de Janeiro, José Olympio 1969.

______. *Visão do Paraíso. Os Motivos Edênicos no Descobrimento e Colonização do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

KAUFMAN, Ana María e RODRÍGUEZ, María Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LA TAILLE, Yves de *et alii*. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*; o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1993.

______. *A Conexão planetária*: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: 34, 2001.

LEROI-GOURHAN, André. *Le geste et la parole*. 2 vol : *1 - Techniques et langage* e *2 - La memoire et les rythmes*. Paris : Albin Michel, 1964.

LUZURIAGA, Lourenzo. *História da educação e da pedagogia.* Trad. Luiz Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

MARÍN, Guillermo. *Pedagogía tolteca*, Filosofía de la educación en el México antiguo. Edição eletrônica, 2009, **in** http://es.wikisource.org/wiki/Pedagog%C3%ADa_Tolteca

MEDEIROS, João Bosco de. *Redação científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1997.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de educação*. 5 vol. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Biblioteca Nacional, 2001.

MELLO, Maria Cristina de; RIBEIRA, Amélia Escotto do Amaral (org.). *Letramento significados e tendências*. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

MORAIS JUNIOR, Luis Carlos de. *Larápio*. Rio de Janeiro: Kroart, 2004.

______. *Pindorama.* Rio de Janeiro: Kroart, 2004.

______. *Crisólogo - O Estudante de poesia Caetano Veloso*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004.

______. *Proteu ou: A arte das transmutações - leituras, audições e visões da obra de Jorge Mautner*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004.

______; MEDEIROS, Marcus Vinicius *Meutaneurônios atomizados*. Rio de Janeiro: t.mais.oito, 2008.

______. *O olho do ciclope e os novos antropófagos - antropofagia cinematótica na Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.

______ e BLENER, Eliane. *Y e os hippies*. Rio de Janeiro: Quártica, 2009.

______. *O estudante do coração*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e BLENER, Eliane. *O caminho de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e BLENER, Eliane. *Crisopeia*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e BLENER, Eliane. *Clone versus gólem*. Rio de Janeiro: Quártica, 2010.

______ e COLCHETE, Eliane. *O portal do Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *Gigante*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.

______. *O meteorito dos homens ab e surdos*. Rio de Janeiro: Quártica, 2011.

______. *O sol nasceu pra todos - a história secreta do samba*. Prefácio de Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.

______. *Proteu ou: a arte das transmutações - leituras, audições e visões da obra de Jorge Mautner*. 2 ed, revista e ampliada. Contém 10 entrevistas inéditas com Jorge Mautner. Rio de Janeiro: Litteris, 2011.

______. *Carlos Castaneda e a fresta entre os mundos - vislumbres da filosofia Ânahuacah no século XXI*. Contém entrevista inédita com Luiz Carlos Maciel, a carta a Robert Gordon Wasson e as notas de campo de Carlos Castaneda traduzidas. Rio de Janeiro: Litteris, 2012.

______ e BLENER, Eliane Marques. *Abobrinhas requintadas - exquisite zucchinis*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.

______. *Eu sou o quinto Beatle*. Rio de Janeiro: Quártica, 2012.

______. *O homem secreto*. Rio de Janeiro: Quártica, 2013.

______; HILTON, Carlos. *Os que ouvem mais que nós*. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

______. *O estudante do coração - ensaios sobre a arte pós-moderna*. Segunda edição: revista e ampliada. Rio de Janeiro: Litteris, 2013.

______. *Alquimia o arquimagistério solar*. Rio de Janeiro: Quártica Premium, 2013.

MORIN, Edgar. *A religação dos saberes - o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

______. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

MÜLLER, Kurt. *Psicologia aplicada à Educação*. São Paulo: EDUSP, 12977.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*; suas origens, transformações e perspectivas. 3 ed. Trad. Neil R. da Silva. São Paulo : Martins, 1991.

NEVES, Carlos de Sousa. *Sociedade, transição e futuro*. Rio de Janeiro: edição do autor, /s.d./.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

OLIVEIRA, Maria Helena Cozzolino e MONTEIRO, Conceição Perkles. *Didática da linguagem - como aprender, como ensinar*. São Paulo: Saraiva, 1993.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. *Dos caos à inteligência artificial*. Entrevistas, Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo, UNESP, 1993.

Parâmetros Curriculares Nacionais PCN. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1997.

Parâmetros Curriculares Nacionais PCN. Ensino Médio. Brasília : MEC/SEF, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. 2 vol. Org. Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. *Aprender tem que ser gostoso*. Petrópolis: Vozes, 2003.

SÁNCHEZ, Víctor. *El camino tolteca de la recapitulación*; sanando tu pasado para liberar tu alma. México: Lectorum, 2003.

SANTOS, Margarida dos; BRAZ, Joana; FERREIRA, Lenita; OLIVEIRA, Daniel. *Exercícios de Autoria*; Histórias de vida, narrativas de formação docente do/no GEFEL. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2013.

SARAIVA, Terezinha. *Caminhos trilhados*; *reflexões e fazeres*. Rio de Janeiro: Espaço do saber, /s.d./.

STERNBERG, Robert J. e GRIGORENKO, Elena L. *Inteligência plena*; *ensinando e incentivando a aprendizagem e a realização dos alunos*. Trad. Maria Thereza Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIEIRA, Sofia Lercher (org.). *Gestão da escola: desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

YOUNG, James Webb. *Técnica para produção de ideias*. São Paulo: Nobel, 1994.